

NATÁLIA TANO PORTELA

**DO CORPO OBJETO AO CORPO LIVRE: UMA LEITURA
FEMINISTA DE ALCIENE RIBEIRO LEITE**

TRÊS LAGOAS – MS

2022

NATÁLIA TANO PORTELA

**DO CORPO OBJETO AO CORPO LIVRE: UMA LEITURA
FEMINISTA DE ALCIENE RIBEIRO LEITE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues.

TRÊS LAGOAS – MS

2022

NATÁLIA TANO PORTELA

**DO CORPO OBJETO AO CORPO LIVRE: UMA LEITURA
FEMINISTA DE ALCIENE RIBEIRO LEITE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Literários) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues.

Aprovado em: 31/08/2022

BANCA EXAMINADORA

Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (Presidente)

Dra. Amaya Obata Mourino de Almeida Prado (Membro Interno)

Dr. Samuel Lima da Silva (Membro Externo)

Dr. Felipe Gonçalves Figueira (Membro Externo)

Dra. Kelcilene Gracia Rodrigues (Membro Interno)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar diacronicamente a produção contística de Alciene Ribeiro Leite, a partir do recorte das publicações de 1977 até 2019. Observamos que a obra da autora supracitada pode ser demarcada em duas fases distintas, sendo a primeira compreendida pelas décadas de 1970 a 1990, e a segunda pelas décadas de 2000 a 2010. Ainda que permaneçam constantes temáticas na obra, em especial as relações de gênero, que permeiam os contos analisados nesta tese, notamos que a forma como a ideologia do narrador se manifesta no discurso literário se modifica ao longo do tempo, com grande alteração de uma fase para outra – tal mudança, cremos, relaciona-se diretamente com a forma como a sociedade trata das relações de gênero nos diferentes momentos de publicação dos contos. A fim de testar a hipótese, foram selecionados oito contos, sendo quatro da primeira fase de produção, e quatro da segunda fase de produção. Os contos foram então divididos em duplas, considerando sua temática, e organizados de acordo com o grau de consciência das personagens. Então, no primeiro capítulo, temos os contos “Teúda e Manteúda” (publicado originalmente em 1978) e “Aviso Prévio” (2019), que tratam de relações laborais e de gênero, com padrões homens e mulheres empregadas. No segundo capítulo, “Ave Maria das Graças Santos” (1984) e “Independência e Morte” (2019), dois contos que narram feminicídios decorrentes de violência doméstica. No terceiro, “Vinte anos de Amélia” (1977) e “Plenilúnio” (2003), nos quais as personagens refletem sobre sua condição de mulher. No último capítulo, “Transa” (1982) e “Pensar axilas” (2019), temos duas protagonistas na busca por viverem sua sexualidade de forma livre. Como aporte teórico, utilizamos, além da técnica do *close reading*, a teoria do *iceberg* de Hemingway, as teses do conto de Piglia, o palimpsesto de Gilbert e Gubar, e as reflexões feministas de Simone de Beauvoir.

Palavras-chave: conto; feminismo; literatura brasileira contemporânea; Alciene Ribeiro Leite.

ABSTRACT

This work aims to diachronically analyze the short story production of Alciene Ribeiro Leite, based on the selection of publications from 1977 to 2019. 1990, and the second in the decades from 2000 to 2010. Although constant themes remain in the work, especially gender relations, which permeate the stories analyzed in this thesis, we note that the way in which the narrator's ideology manifests itself in the literary discourse changes over time, with major changes from one phase to the next – such a change, we believe, is directly related to the way society deals with gender relations at different times when short stories are published. In order to test the hypothesis, eight short stories were selected, four from the first stage of production, and four from the second stage of production. The stories were then divided into pairs, considering their theme, and organized according to the characters' degree of consciousness. So, in the first chapter, we have the short stories “Teúda e Manteúda” (originally published in 1978) and “Aviso Prévio” (2019), which deal with labor and gender relations, with male employers and female employees. In the second chapter, “Ave Maria das Graças Santos” (1984) and “Independência e Morte” (2019), two short stories that narrate feminicides resulting from domestic violence. In the third, “Vinte anos de Amélia” (1977) and “Plenilúnio” (2003), in which the characters reflect on their condition as women. In the last chapter, “Transa” (1982) and “Pensar axillas” (2019), we have two protagonists in the quest to live their sexuality freely. As a theoretical contribution, we use, in addition to the close reading technique, Hemingway's iceberg theory, Piglia's short story thesis, Gilbert and Gubar's palimpsest, and Simone de Beauvoir's feminist reflections.

Keywords: short story; feminism; contemporary Brazilian literature; Alciene Ribeiro Leite.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 CORPO, OBJETO DO DESEJO.....	12
1.1 Teúda e Manteúda	13
1.2 Aviso prévio	19
2 CORPO INTERROMPIDO.....	25
2.1 Ave Maria das Graças Santos.....	26
2.2 Independência e Morte	30
3 CORPO RECONQUISTADO.....	33
3.1 Vinte anos de Amélia	34
3.2 Plenilúnio.....	38
4 CORPO DESEJANTE.....	41
4.1 Transa	42
4.2 Pensar axilas	47
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS.....	60

INTRODUÇÃO

Temos como objetivo principal desta pesquisa realizar um estudo descritivo, analítico, interpretativo e comparativo da contística de Alciene Ribeiro Leite. Partindo do princípio de que a contística de Alciene Ribeiro Leite pode ser dividida em dois momentos de produção, sendo o primeiro compreendendo as décadas de 1970 a 1990, e o segundo a partir dos anos 2000, levanta-se a hipótese de que as técnicas narrativas empregadas nos contos que tratam de relações de gênero sofrem influência do discurso feminista à época da produção. Assim, acreditamos que, no primeiro momento da produção de Alciene Ribeiro Leite, encontramos técnicas que evidenciam uma espécie de denúncia sobre a condição da mulher na sociedade, apresentando as relações de gênero de forma didática (em um dos contos, até mesmo ensaística). Já na segunda fase da produção, acreditamos que a exposição das relações de gênero ocorrem de forma mais sutil, considerando que o leitor, habituado ao discurso feminista do século XXI, não

precise ser convencido de que aquela personagem se encontra em situação de submissão: esse fato está dado, e é a partir dele que a narrativa se desenrola.

Para tanto, este trabalho é estruturado da seguinte forma: foram selecionados oito contos, sendo quatro da primeira fase de produção, e quatro da segunda fase de produção. Os contos foram então divididos em duplas, considerando sua temática, e organizados de acordo com o grau de consciência das personagens. Então, no primeiro capítulo, temos os contos “Teúda e Manteúda” (publicado originalmente em 1978) e “Aviso Prévio” (2019), que tratam de relações laborais e de gênero, com padrões homens e mulheres empregadas. No segundo capítulo, “Ave Maria das Graças Santos” (1984) e “Independência e Morte” (2019), dois contos que narram feminicídios decorrentes de violência doméstica. No terceiro, “Vinte anos de Amélia” (1977) e “Plenilúnio” (2003), nos quais as personagens refletem sobre sua condição de mulher. No último capítulo, “Transa” (1982) e “Pensar axilas” (2019), temos duas protagonistas na busca por viverem sua sexualidade de forma livre.

Conforme já mencionado, os quatro capítulos centrais discutem, cada qual, um par de contos, sendo um da primeira fase da produção de Alciene Ribeiro Leite, e outro da segunda fase. Observamos, nesses capítulos centrais da tese, uma constante que se tornou chave de análise: o corpo da mulher e suas relações com o mundo. Aqui, consideramos o corpo como

um organismo que ocupa um lugar e vive uma experiência. Esse corpo pensa e sente. Esse corpo escreve e é inscrito na cultura. Não se aparta da história porque é fruto da história; seu tempo é seu silêncio; seu espaço é seu grito. Na literatura, o corpo é a expressão de uma linguagem, de um gesto, de uma experiência. Ocupar o espaço desenhado na palavra é sair do anonimato e ganhar a linguagem. (BUSATO; ASSUNÇÃO, 2021, p. 11).

Daí a classificação dos capítulos em “Corpo, objeto do desejo”, “Corpo interrompido”, “Corpo reconquistado” e “Corpo desejanter”: em cada capítulo, os contos analisados remontam a uma faceta desse corpo feminino e seu lugar no mundo – começando por ser objeto de desejo, até chegar a ser sujeito que deseja.

Utilizamos, para análise do *corpus*, técnicas de *close reading*, o princípio do *iceberg*, as teses sobre o conto de Piglia, e o exame dos elementos da narrativa. Quanto à

base feminista de leitura, utilizamo-nos preliminarmente d’**O Segundo Sexo**, de Simone de Beauvoir.

O não-dito, no conto, traz possibilidades de leitura não apenas quando dos silêncios do conto de atmosfera, mas também quando da consideração da teoria do *iceberg* — ainda que sejam coisas distintas. Indagado por um entrevistador a respeito de seu artesanato, Ernest Hemingway afirma que procura escrever

baseado no princípio do *iceberg*. Sempre existem sete oitavos dele sob a água, para cada parte que aparece. O que quer que eu saiba, pode ser eliminado, e isto somente robustece o nosso *iceberg*. É a parte que não aparece. Se um escritor omite algo porque não conhece, então aparece um buraco na história. *The Old Man and the Sea* poderia ter tido mil páginas a mais e conter nele todos os indivíduos da aldeia e todos os modos pelos quais eles ganham a vida, tinham nascido, sido criados, tio filhos, etc. [...] Aprendi a fazer algo diferente. Primeiro, tentei eliminar tudo o que era desnecessário para transmitir a experiência ao leitor, de modo que, depois que ele leu algo, esse algo se tornará parte de sua experiência, parecendo-lhe haver verdadeiramente ocorrido (PAIVA, 1990, p. 81).

O princípio do *iceberg* é “uma metáfora que Hemingway inventou para definir o seu processo criativo” (MARCHEZAN, 2009, p. 415). Segundo tal princípio, portanto, a narrativa não possui em seu dito tudo aquilo que o autor conhece da história narrada, e esse conhecimento não expresso verbalmente constitui o *iceberg*. O leitor, portanto, deve buscar “extrair de cada narrativa aquilo que está submerso, ou seja, a sua essência de significados” (VRATIMOS, 1990, p. 3).

Importa observar que, no “Decálogo do perfeito contista”, Horacio Quiroga recomenda: “Cuenta como si tu relato no tuviera interés más que para el pequeno ambiente de tus personajes, de los que pudiste haber sido uno. No de outro modo se obtiene la vida del cuento¹” (QUIROGA, 1996, p. 1195). A relação do narrador com as personagens, como se ela pudesse ter sido uma delas, também é levantada por Julio Cortázar. O argentino relata uma experiência na qual uma amiga leitora lhe repreende por se utilizar da narração em primeira pessoa com muita frequência. No entanto, ele a teria

¹ “Conta como se seu relato não tivesse interesse para (ninguém) mais do que para aquele pequeno ambiente de teus personagens, dos quais você poderia ter sido um. De outra forma, não se obtém a vida do conto.” (QUIROGA, 1996, p. 1195, tradução nossa).

mostrado os textos apontando que, na verdade, as narrações se dão em terceira pessoa. É levantada, então, a hipótese de que a terceira pessoa poderia estar atuando “como uma primeira pessoa disfarçada, e que por isso a memória tendia a homogeneizar monotonamente a série de narrativas do livro” (CORTÁZAR, 1993, p. 229). Parece-nos que a presença do narrador nos contos se revela para além da intencionalidade do escritor — que faz a escolha consciente pelo narrador em terceira pessoa — e se transmuta em uma percepção, para o leitor, da subjetividade não evidente da estória, de modo que a memória capte o não dito. Da mesma forma como ocorre com o narrador, acreditamos que o que foi intencionalmente submerso no *iceberg* pode ser depreensível pelo que foi dito.

Consoante com o princípio do *iceberg* é a primeira tese sobre o conto de Ricardo Piglia, segundo a qual todo conto conta duas estórias (2004, p. 89). No conto clássico, a primeira história é narrada em primeiro plano, enquanto a segunda, a mais importante, “chave da forma do conto” (PIGLIA, 2004, p. 91), é cifrada e construída em segredo. Já que o princípio do *iceberg* de Hemingway preconiza que o mais importante não seja contado, Piglia afirma que essa teoria é a primeira síntese do processo de transformação da forma de contar a segunda estória nos contos modernos, nos quais a segunda estória é retratada de forma progressivamente elusiva. Utiliza-se, para contar, o não-dito, o subentendido e a alusão.

A tese de Piglia de que todo conto conta duas estórias encontra ressonância no palimpsesto² que Sandra Gilbert e Susan Gubar relatam ocorrer na ficção de autoria feminina. Segundo ambas,

[...] women from Jane Austen and Mary Shelley to Emily Brontë and Emily Dickinson produced literary works that are in some sense palimpsestic, works whose surface designs conceal or obscure deeper, less accessible (and less socially acceptable) levels of meaning. (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 73)³.

² Difere-se este do palimpsesto tal como proposto por Gérard Genette.

³ “mulheres de Jane Austen e Mary Shelley a Emily Brontë e Emily Dickinson produziram trabalhos literários que são em algum sentido palimpsésticos, trabalhos cujo desenho na superfície esconde ou obscurece níveis de sentido mais profundos, menos acessíveis (e menos aceitáveis socialmente).” (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 73, tradução nossa)

A ocultação de tais níveis de sentido, na escrita de mulheres, diferente de tomar caráter político, como em alguns escritos de homens, surgiria de uma estratégia oriunda do medo e da vicissitude de representar discursos dissonantes do hegemônico. O palimpsesto também é uma forma que algumas escritoras encontram para lidar com seu difícil fardo, a fim de expressar sua raiva mais abertamente, ocultando segredos femininos em gêneros e convenções tipicamente masculinas (GILBERT; GUBAR, 2000, p. 220). De acordo com Sandra e Susan, o palimpsesto é a estória da busca da escritora da mulher por sua própria estória, ou, em outras palavras, é a estória da busca da mulher por auto-definição. (*op. cit.*, p. 76).

No entanto, apesar de ser inegável a influência sociológica no texto literário, ancoramos as análises na utilização da técnica de *close reading*⁴, nos moldes do *New Criticism* norte-americano; ou seja, é a partir da linguagem e da forma do texto que a análise é realizada. Tais elementos materiais do texto são mais importantes do que quaisquer outros, inclusive eventuais intenções do autor, recepção ou ideologia. Acreditamos que tais teorias e métodos de análise são os indicados para a leitura dos contos de Alciene Ribeiro, uma vez que sua escrita também traduza as peculiaridades do escondido sob a pele das palavras de mulheres.

⁴ Cf. GRAFF, Gerald. **Professing literature:** an institutional history. Chicago: Chicago Univ. Press, 1987. 315p.

1 CORPO, OBJETO DO DESEJO

1.1 Teúda e Manteúda

O conto, publicado originalmente em **Eu choro do palhaço** (1978), relata um evento atípico no trabalho de Marilda: ao fechar o caixa, a protagonista percebeu que sobravam 30 cruzeiros e 31 centavos, e, em razão disso, o patrão lhe teria dito para que conversassem após o expediente. A partir desse mote, o conto segue com as elocubrações de Marilda, pensando no que a fez chegar até aquele ponto no emprego, e o que lhe aguardava na conversa com o patrão. Num crescendo de ansiedade, a protagonista, certa de que seria punida, é surpreendida com o patrão lhe propondo um relacionamento do tipo “teúda e manteúda”, ou seja, o patrão manteria Marilda financeiramente, sem no entanto o relacionamento ser publicamente amoroso, nem sequer afetar o relacionamento que a protagonista já tem com seu noivo. Em troca, eles teriam relações sexuais e – assim afirma o patrão – intelectuais. Por fim, temos a sinalização de que a personagem aceita o acordo, ao permitir que o patrão lhe abra a blusa.

O título do conto é expressão derivada do latim, significando “tida e mantida”. Apesar de pouco utilizada no português brasileiro nas últimas três décadas, seu uso para designar relacionamento em regime de concubinato é corrente ainda hoje no jargão jurídico.

A escolha do uso da primeira pessoa para a narração deste conto aproxima o leitor da narradora-protagonista – tudo o que se conhece do enredo passa pelos filtros do olhar, das sensações e das memórias da narradora, de modo que nem mesmo as falas de outros personagens sejam indicados por sinais gráficos como travessão ou aspas. Portanto, mais do que uma descrição fiel de outras personagens, por exemplo, esse tipo de técnica permite que se tenha acesso às impressões da protagonista com relação àquelas personagens. Assim, pode-se verificar, a partir da forma como Marilda descreve o patrão, a forma como ela o vê naquele momento, mais do que a forma como realmente o patrão se apresentaria.

No início do conto, quando a protagonista ainda se apresenta apreensiva com a diferença do caixa e a advertência do patrão, este é descrito como “chato”, “pálido”; a protagonista diz que ele tem “icterícia”, que o deixa amarelado, e que possui uma verruga sobre a sobrancelha que possui alguns fios brancos – em contraste com a outra sobrancelha, “preta pretíssima”. Tais descrições se repetem ao longo do conto, mas são alternadas com um ar saudável e simpático – quando Marilda o enxerga social e emocionalmente distante, são acentuadas as características de feiura e doença. Portanto, assim como as duas sobrancelhas distintas entre si, o patrão parece ter duas faces: uma saudável e amistosa, e outra doente e asquerosa. Ainda que se desvelem, porém, ambas as faces ao longo do conto, a protagonista parece não perceber as implicações de uma face dupla e dúbia em seu superior hierárquico.

É de se destacar como pode uma pele ser, ao mesmo tempo, pálida e icterícia, com “amarelão”. Por si só, essa descrição nos mostra como as impressões da narradora devem ser consideradas com reservas, uma vez que, superficialmente, se trataria de contradição impossível. No entanto, ambas indiciam um caráter doentio do patrão, de algo fora do normal. Ademais, a icterícia e o “amarelão” trazem chaves simbólicas que corroboram essa leitura:

O fígado é comumente associado às comoções da cólera, e o fel, à animosidade e às intenções deliberadamente venenosas, o que explica

o sabor amargo da bÍlis. [...] Gerador de forças e, ao mesmo tempo, gerador de cólera e da coragem, e das virtudes guerreiras em geral. (FÍGADO..., 2020, p. 488)

Ou seja, a desordem no fÍgado, caracterizada pela icterÍcia, poderia se relacionar com uma desordem na animosidade, na coragem, e mesmo indicar “intenções deliberadamente venenosas”, como descrito na entrada do Dicionário de Símbolos. Ainda que essas intenções fossem à protagonista reveladas apenas ao final do conto, havia sua sugestão textual na própria descrição da pele do patrão. Mais do que utilizar apenas o nome da condição de saÍde, a protagonista relata a pele pela cor amarela, cor que possui forte relação com o ouro, o dinheiro (COR..., 2020, p. 332-333). Assim, é estabelecida mais uma relação entre o patrão e o dinheiro; não bastasse a sua própria posição como superior hierárquico, e aquele com poder para contratar, promover, ou demitir funcionários, pela pele amarelada pela icterÍcia a protagonista evidencia um caráter doentio, negativo, na relação entre o patrão e o dinheiro.

Mesmo o artifÍce utilizado para mantê-la no escritório alÍm do horário do expediente perpassa por essa relação entre o patrão e o dinheiro. Um valor que sobra na caixa, e que, em tese, não seria um grande problema, é utilizado como vantagem na negociação que realmente importa ao patrão – o acordo de concubinage. Há uma distorção do valor do dinheiro, que deixa de ser considerado vantajoso à empresa (visto que sobrou, e não faltou), e passa a ser considerado um problema a ser resolvido, trazendo à protagonista o crescente de ansiedade, aumentando sua desvantagem inicial na negociação com o patrão:

Se fosse prejuÍzo... mas lucro, puxa vida! Quê ele quer ainda. PrejuÍzo eu pagava. Deu gana de embolsar o lucro, juro que deu. O justo era me dar os 30 cruzeiros e 31 centavos. E fim. É ou não é? Valia a condução. Mostardento mal agradecido. Na próxima, fico com o excedente. Se faltar eu cubro. Se passar eu fico. Não to a fim de agüentar crises ictéricas. (LEITE, 1978, p. 40)

O trecho acima, alÍm de indicar a indignação da protagonista com a situação, ainda nos dá indÍcio de seus valores morais. Ao dizer que, numa próxima, ficaria com o valor a mais e não reportaria ao patrão, a personagem mostra que sua moral interna difere de regras sociais, ou seja, ela mostra tendênci a seguir o que acredita ser justo segundo

seus próprios valores, mesmo que haja alguma regra social que preconize o contrário. Assim posto, considerando o estresse passado pela personagem durante a espera para a reunião pós-expediente, o fato de dizer que cobriria a diferença seja para mais, seja para menos, aliado ao uso já citado da primeira pessoa na narração, o texto leva o narratário a concordar com a lógica da protagonista, a responder afirmativamente ao “É ou não é?”, e, posteriormente, a não condená-la quanto à sua decisão de aceitar o papel de teúda e manteúda.

Durante a espera, a protagonista ainda relata outros episódios em que conversara com o patrão. Ele a teria chamado em sua sala outras duas vezes; ambas para tratar de assuntos relacionados com o trabalho, porém terminando a conversa falando sobre outros tópicos. E, nas duas vezes, “[r]ealmente não estava nada amarelo. Nas duas. Pra dizer a verdade, achei-o simpático. Se não fica em crise de icterícia, é simpático.” (LEITE, 1978, p. 42). Na primeira vez em que foi chamada, Marilda confessou-lhe que escrevia, “exercícios literários”. Segundo a mesma, isso não era assunto que ela tratava com mais ninguém, exceto com o noivo, mas pela simpatia do patrão sentiu-se à vontade para falar sobre isso. Nesse episódio, observamos não apenas a face simpática do patrão, mas também um momento em que a protagonista compara patrão e noivo, colocando-os no mesmo patamar de pessoas com quem ela pôde se abrir a respeito da escrita. Mais: a personagem disse que o patrão se entusiasmou com o assunto, e que ele era um homem culto, que gostava de artes em geral.

Na segunda vez em que foi chamada pelo patrão, Marilda diz que trocou confidências acerca de seu noivo, Guido, pois estava chateada e precisando desabafar. O patrão, segundo ela, tinha sido um bom ouvinte. No entanto, após essa segunda conversa o patrão teria, segundo o olhar da protagonista, mudado de atitude em relação a ela, ficando mais distante e exigente. Ainda que seja essa a percepção da protagonista, importa observar que a mesma já havia alertado “Costuma acontecer comigo. Eu não saber interpretar atitudes do interlocutor” (LEITE, 1978, p. 43). Retomando, pois, a icterícia do patrão observada durante seu distanciamento, evidenciam-se as duas faces do patrão: quando próximo, é agradável, confidente, simpático; quando distante, é chato, amarelão, relacionado com intenções deliberadamente venenosas.

Ao ser chamada pela terceira vez à sala do patrão, após a diferença no caixa, Marilda se sente “cordeirinha”, e pede a proteção de duendes. Chama-nos atenção essas

duas imagens: cordeirinha e duendes. Primeiro, porque a protagonista se coloca como uma inocente que será sacrificada, sem acesso às intenções da outra parte. Porém, pede a guarda de duendes, que, apesar de serem seres mitológicos capazes de feitos mágicos, tradicionalmente na literatura eles apenas executam favores aos humanos em troca de algo ainda mais valioso – como é o caso de Rumpelstilskin, que transforma palha em ouro em troca de seu primogênito. Mais: a única saída para desfazer o negócio seria descobrir o nome do duende, ou seja, revelar o segredo, e ter poder⁵ sobre ele. Ao clamar pela proteção de duendes, Marilda coloca-se mais ainda em uma posição de vulnerabilidade, como se previsse que, para se safar, deveria fazer uma troca, em especial por não ter poder algum sobre o patrão – que, no conto, não é nominado.

Mais uma vez, o patrão se utiliza de um assunto de trabalho como artifício para chamar a protagonista para sua sala; agora, criando um problema de ordem financeira, a cordeirinha é atraída para a sala, onde o patrão declara: “Espera aí patrão, o que é mesmo? Ah, está apaixonado... está apaixonado por mim! É isto que ele está dizendo sim.” (LEITE, 1978, p. 46). Mais: o patrão coloca Marilda numa posição de superioridade em relação às outras mulheres, por escrever. De acordo com ele, às mulheres comuns bastam o amor de útero e o de estômago, mas às especiais também é necessário amar com o cérebro. Desta forma, o patrão apela para a vaidade intelectual da protagonista, insinuando que, sem um estímulo de âmbito cognitivo, sua vida estaria incompleta e ela seria frustrada:

Apela para o lado prático da minha personalidade. Para a minha cabeça pensante. Ele me estudou, analisou. Conhece minhas necessidades materiais e emocionais. Já solucionei meu amor de coração, com a juventude de meu noivo. O chefe fala que já. É o patrão e me analisou. Está apaixonado e é o patrão. Que vai esquecer a diferença (LEITE, 1978, p. 47)

Não se desligam, pois, ao menos na mente da protagonista, a diferença no caixa e a proposta que lhe é feita. Como se a diferença fosse, mesmo, a oportunidade pela qual o patrão aguardava para propor o acordo de concubinato. Agora, que já lhe conhece

⁵ “o conhecimento do nome “proporciona poder” sobre a pessoa: aspecto mágico, liame misterioso do símbolo. O conhecimento do nome intervém nos ritos de conciliação, de feitiço, de aniquilação, de possessão etc. [...] Conhecer o nome, pronunciá-lo de um modo justo é poder exercer um domínio sobre o ser ou sobre o objeto.” (NOME..., 2020, p. 715)

algumas intimidades, utiliza-se delas para convencê-la de que o acordo é vantajoso para ela, a solução para seu problema – que, até então, não existia:

O que ele propõe é solução pra mim. Do meu problema afetivo, material e emocional. Solução pessoal das minhas diferenças. Saída inteligente. Tenho de admitir que é hábil observador. E só abre o jogo na hora certa. Tem técnica pra convencer também. Diria que é um filósofo. Dos pragmáticos. Caso esta coisa agora não me perturbasse o raciocínio. Eu diria isto se minha cabeça não fosse só a pura confusão. O patrão e a empregada. O lobo e a filha da costureira. (LEITE, 1978, p. 48)

Revelado o patrão como lobo diante da cordeirinha, a protagonista percebe que está sendo influenciada por uma pessoa competente para lhe confundir e convencer. Nesse momento, enquanto o patrão repete que o acordo é conveniente a ela, a aparência dele parece se transformar. Se antes da reunião estava icterico e sisudo, agora possui um sorriso charmoso, um hálito bom, perfumado, e é a essas novas características que a protagonista se prende.

Temos, assim, neste conto, a utilização de diversos símbolos que, aliados à técnica do discurso indireto e à narração em primeira pessoa, fazem com que haja uma adesão à personagem Marilda, uma vez que seja dela o controle da narrativa, ainda que se coloque, dentro da diegese, como desprovida de controle sobre o desenrolar dos acontecimentos – é o patrão-sem-nome que, desde o início, tem o poder de definir o que é importante, o que ocorrerá com Marilda, quando e como se dará a conversa, e mesmo o assunto a ser tratado. A protagonista parece ser apenas levada pela situação, e “concorda” com a contraparte por meio de omissão.

1.2 Aviso prévio

O conto “Aviso prévio”, publicado pela primeira vez em 2019, na antologia **Mulher explícita**, é narrado em terceira pessoa. A presença escrita do narrador, porém, é observada pontualmente no início do conto, em três ocorrências de verbos *dicendi* que marcam com clareza quem são os interlocutores: a mulher e o homem. A escolha estilística de reforçar verbalmente o gênero das personagens nos dois primeiros períodos sintáticos do conto, em vez de se optar pelo uso de narrador ausente, causa a impressão de que se faz necessário salientar que se trata de uma discussão não apenas de luta de classes, como o título sugere, mas também de luta de gêneros. Ainda, a respeito da “saída de cena” do narrador neste conto, Carina Marques Duarte afirma que dela decorre uma “força” das personagens, pela concessão de “maior autonomia e amplitude às personagens, as quais parecem ter sido transferidas diretamente do mundo real para o ficcional” (DUARTE, 2019, p. 73). Tal impressão de transporte das personagens ao mundo ficcional, certamente influenciado pelo formato do conto, sem a interferência expressa de narrador na maior parte do texto, também decorre da repetição, da redundância, tipicamente presentes na linguagem oral. A construção do enredo se dá, portanto, com diversas retomadas, como se o assunto não fosse diretamente ao ponto: e, de fato, essa é a estratégia utilizada na estruturação do diálogo.

O enredo se dá com o diálogo entre a mulher e o homem, que, logo descobrimos, são patrão e empregada. O patrão a chamou para conversar e, utilizando-se de diversos recursos retóricos, procura convencer a empregada a sevir sua filha, em troca de se manter no emprego, e a filha ter um amparo financeiro ao longo da vida. Ao final, o patrão logra êxito, e a empregada concorda com o acordo. O que nos chama a atenção, porém, não é o enredo em si, mas os caminhos percorridos pelo diálogo para chegar enfim na proposta, bem como no aceite pela empregada.

É perceptível, nas falas das personagens, como elas são duas forças opostas, com ideologias, histórias e poderes diferentes entre si. A mais gritante diferença, de ordem social, econômica e ideológica, é também a primeira a aparecer: “O pobre labuta e o rico embolsa o lucro, é injusto. Questão de espaço social.” (RIBEIRO, 2019, p. 125). Enquanto a empregada reconhece seu espaço como operária, que trabalha para que o patrão obtenha o lucro, o patrão observa essa questão com naturalidade: ao passo que a primeira demonstra desconformidade com a organização social por classes, o patrão

aceita de bom grado a ordem atual, já que é dela beneficiário. Em outros momentos do conto, são reforçados esses pensamentos, como quando o patrão diz que sua educação advém de “Berço, mulher” (RIBEIRO, 2019, p. 126). Ao fazer isso, não apenas o patrão reafirma seu lugar como pertencente a uma classe social superior, mas também indica a empregada que ela, já nascida, não tem condições de ascender socialmente e estar com ele no mesmo lugar – afinal, ambos vêm de berços diferentes.

Então, tem-se a primeira referência a uma demissão. Ao pedir que a empregada espere que ele assine uns papéis, ela conclui que o patrão estaria despedindo pessoas:

Só eu assinar estes papéis. Está despedindo gente. É só no que vocês pensam, parece complô contra a Empresa. Cruz-credo, só boato aí que. Boataria, você mesma falou. Então ninguém vai pra rua. Depende. Ai Jesus, depende de quê. O seu caso, por exemplo. (RIBEIRO, 2019, p. 126)

Ainda que não tenha expressamente dito que a empregada deveria fazer algo para não ser demitida, o patrão insinua uma “dependência” para o seu caso. Logo em seguida, é colocada em pauta a filha da empregada. No entanto, nesse momento ela é apenas referenciada como um problema, já que vai à Empresa (grafada no conto assim, com inicial maiúscula) todos os dias levar almoço à mãe. Segundo o patrão, a menina é um problema porque sua presença ali poderia dar ideia aos demais operários de também receberem marmitta na hora do almoço, e essa quantidade de pessoas traria “agitadores” à Empresa.

Escreva, é uma boa ocasião para os agitadores. Agitadores. Esses elementos a serviço de ideologias importadas, a ameaça estrangeira. Minha ideia embaralha um pouco nesse particular. Eles estão atentos à infiltração. Eles quem, doutor, não atino. Quem é que ameaça a nossa liberdade, a nossa democracia, mulher. Sei não, doutor. Quem é que quer todo mundo no cabo da enxada. Comunista, doutor. Os vermelhos, você sabe. Mas não tem perigo, doutor, todo mundo é boia-fria, sofre igual comunista mesmo. (RIBEIRO, 2019, p. 128)

Observa-se que a empregada possui consciência de classe, ou seja, não apenas entende as implicações de sua condição como operária (de trabalhar, para que o patrão tenha lucro), mas também discorda do patrão de que o comunismo lhe seria pior do que a situação atual; afinal, todo mundo de sua classe já “sofre igual comunista mesmo”. A

passagem acima, porém, traz também um interessante aspecto quanto à visão do patrão sobre o comunismo: está claro que ele sabe que esses agitadores não existem na Empresa, e muito menos que a presença da menina seria causa de uma revolta dos trabalhadores. No entanto, ele se utiliza do comunismo como pretexto, e mais: atribui a ele características que cabem a ele próprio.

Ao longo do conto, o patrão atribui ao comunismo não apenas que ele ameaça a liberdade, como consta no trecho acima, mas também que “a ação dos agitadores fermenta na obscuridade” (RIBEIRO, 2019, p. 129), e que a “hora do almoço é um foco de subversão” (RIBEIRO, 2019, p. 130). No entanto, é ele que ameaça a liberdade da empregada, e é ele que se liga, pela vontade libidinosa de corromper a menina, à obscuridade e à subversão.

Ainda, o patrão retoma a questão da menina, e então se coloca em lugar de grandeza moral, por permitir que a empregada mantenha o emprego, mesmo tendo entrado em licença médica, que causariam transtorno à Empresa. Por sua vez, a empregada, já em disposição de fazer algo para manter o emprego, decide entrar nessa negociação com elogios ao patrão:

Benza Deus, o doutor é caridoso, alma boa. Tenha isso em consideração. Ai e mim se não fosse o senhor, um pai. Ei, deboche não, mulher. Num debocho, não senhor, é justiça justiceira. Faço o máximo por você e a sua família, mais até do que o dever. Não atinei bem, doutor. Acho que agora é a sua vez. (RIBEIRO, 2019, p. 133)

No entanto, o patrão não se contenta com o discurso e quer algo a mais – já que tem a proposta pronta para ser oferecida. Para aumentar sua vantagem na negociação, menciona mais uma vez a possibilidade de demissão. Desta vez, porém, a empregada começa a perder o controle, desabafa e ameaça tornar pública a antiga relação afetivo-sexual que tivera com o patrão. Neste momento, entendemos que a relação que tiveram oferecia compensação financeira por parte do patrão, ou, ao menos, que a manutenção do emprego até então se deveu por isso. Tal compreensão encontra eco nos dizeres de Simone de Beauvoir, segundo a qual o ato sexual é um serviço, tanto para a prostituta quanto para a mulher casada, e que, “em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem a siga” (BEAUVOIR, 2016b, p. 364), ou seja, em razão da miséria e da falta de trabalho uma mulher se utiliza do corpo,

“capital que ela é autorizada a explorar” (BEAUVOIR, 2016b, 190), para a sua manutenção.

Ocorre, porém, que a proposta que o patrão apresenta é diferente: desta vez, é a menina, menor de idade, que ele quer:

É traição em demasia. Francamente, não sei o que você esperava. O patrão quer a minha menina. Cinismo agora. Posso ser de um tudo, nada me sopita de espanto maior. Então chega de fita, a caneta, aqui. Este papel me compromete a dar ela ao senhor. E garante sua tranquilidade até morrer. (RIBEIRO, 2019, p. 143)

O patrão, em seguida, passa a acusar a mãe de lhe oferecer a menina, ao fazê-la ir todos os dias à Empresa para levar-lhe marmita, como se fosse dela a ideia do acordo. Tal proposição não encontra ressonância no conto, uma vez que é ele quem traz o assunto da menina diversas vezes à tona, enquanto a empregada, por sua vez, traz o assunto da demissão. Percebe-se, assim, que o patrão busca compartilhar a culpa pelo acordo com a mãe da menina, primeiro por conferir a ela a ideia, depois por exigir-lhe assinatura em contrato.

O senhor atropela o pensar, me confunde tudo. Me deve favores. O preço cobrado é caro. Se não for eu, vai ser um estranho que pode torturar, bater, um dia mata. Deus me libre e guarde. Exemplo tem todo dia. A sorte dela me tira o sono, uma gastura. Então. (RIBEIRO, 2019, p. 144-145)

Por fim, a empregada cede, percebendo não haver outra saída para a sorte da filha, e pede que o patrão ao menos a trate com carinho, como se fosse filha dele.

Conforme citado anteriormente, este conto não se trata apenas de um diálogo sobre luta de classes, mas também de gênero. Ocorre que, neste caso, ambas as relações estão associadas: a empregada é duplamente subordinada ao patrão. Ainda que a empregada se coloque como uma mulher forte, independente, que não precisa de um homem ao seu lado na cama, é ela, e não outro empregado, que é chamada pelo patrão. Ainda que não seja casada, e, assim, considerada parte da propriedade privada de seu marido, é sua filha que é tratada como objeto parte de um negócio de compra e venda. O patrão, não apenas tem o poder de demitir ou (re)contratar empregados, mas aqui,

enquanto homem em relação às mulheres, também assume um papel de autoridade. Conforme Beauvoir,

É importante observar que essa servidão é tanto mais rigorosa quanto mais consideráveis são os bens detidos pelo marido. É nas classes dos possuidores da riqueza que a dependência da mulher é sempre mais concreta. Ainda hoje é entre os ricos proprietários fundiários que subsiste a família patriarcal; quanto mais poderoso se sente o homem, social e economicamente, mais se vale da autoridade do pater famílias (BEAUVOIR, 2016a, p. 141)

Ou seja, quanto maior o poder social e econômico do homem, tanto maior será também seu domínio sobre a mulher com quem se casa. Para Alciene Ribeiro Leite, porém, esse domínio se estende também para outras mulheres com quem esse homem se relaciona, como é o caso retratado neste conto.

2 CORPO INTERROMPIDO

2.1 Ave Maria das Graças Santos

O conto, publicado originalmente na antologia **Histórias Mineiras**, em 1984, é dividido em dois momentos. No primeiro, é narrado o assassinato de Maria por seu marido diante dos filhos do casal enquanto ela amamentava o caçula. Com focalização em Maria, o conto começa com o golpe inicial: “Na primeira facada, Maria nem sentiu dor, susto maior da traição do homem, saído de repente do silêncio” (RIBEIRO, 2019, p. 147). Na segunda punhalada, Maria já sente alguma dor, mas maior do que a dor do fino do aço lhe furando, ela sente a dor de perceber que a mão que segura o punhal é a de seu marido. Maria, então, começa a se perguntar o porquê, como podia ele, pai de seus filhos, fazer isso. Na terceira punhalada, começou a se preocupar com os filhos, todos ali juntos, quietinhos, esperando o caçula mamar. “A ideia dos quatro diante do pai com tanto ódio, e a mãe com tanta culpa – pois castigo assim carece culpa muito grave; esse devaneio não deixa os três buracos na pele morena doerem como o natural” (RIBEIRO, 2019, p. 148).

Na quarta punhalada, Maria tenta proteger o bebê. Nas quatro primeiras punhaladas, Maria permaneceu em silêncio. Na última, “explodiu num berro de fera parida” (RIBEIRO, 2019, p. 149), gritando um NÃO que fez a mão de seu marido hesitar, mas que não impediu a quinta punhalada. No leito de morte, o sangue se esvaindo, Maria “repousa, enfim”, mas continua se preocupando com os meninos.

O conto é narrado em terceira pessoa, com narrador onisciente. Temos acesso às memórias, aos pensamentos, à preocupação de Maria nos seus momentos derradeiros. Esse tipo de focalização permite ao leitor se aproximar daquela personagem sobre quem recai o foco narrativo, de modo a enxergar a diegese por seus olhos. Assim, não nos é possível identificar os motivos que levaram ao assassinato da protagonista, o que pensava seu algoz, como ele se planejou para aquele momento. Desta forma, o narrador parece nos indicar que essas informações não são importantes, ou não são tão importantes quanto o sofrimento da vítima diante dos filhos. Fosse concluído aqui, este conto seria a drástica narração de um feminicídio, com a empática focalização desse narrador onisciente.

No entanto, há um segundo momento do conto, em que o narrador, em tom ensaístico, apresenta a repercussão do feminicídio na imprensa local. “E quem é Maria das Graças Santos para merecer editorial deste diário? O editorialista nunca a viu ou soube dela, até ler a nota de vinte linhas/coluna publicada pelo nosso coirmão “Correio de Noroeste”, sob o título *Assassinada quando amamentava o filho.*” (RIBEIRO, 2019, p. 151). Este segundo momento do conto prossegue informando que esse tipo de crime ocorre com frequência, e se coloca escancaradamente a favor das vítimas. Por fim, reflete a respeito do próprio crime e do suspeito, que, se preso fosse, se livraria

com bons argumentos de defesa da honra ou similares, escrevam. Porque a honra dele estava guardada no ângulo das coxas da vítima. [...] Os brios do coitado podres no túmulo, que tribunal tira a razão de réu tão infeliz? (RIBEIRO, 2019, p. 152)

Outro ponto digno de nota a respeito do conto é o nome da protagonista. O uso do nome Maria parece-nos ter dupla função. A primeira dela, exposta pela repetição de expressões como “mais uma”, “apenas mais uma”, “dessas Marias”, “só uma Maria a mais”, aponta para a representação de que a singularidade dessa personagem se encontra justamente na falta de singularidade de sua história. Maria é uma dentre tantas outras Marias que passam por casos de violência, apenas mais uma Maria anulada como pessoa

por ter se deitado com um homem – marido, amante, tanto faz. A segunda função do nome Maria tem seu sentido completado pelo nome inteiro da personagem: Maria das Graças Santos. O narrador pontua que o nome é “três vezes santificado”. Maria, alçada ao posto de mártir, é santificada pelo sacrifício.

Considerando a época de sua primeira publicação, compreende-se a escolha da artista para o conto, com o uso desse segundo momento, que se assemelha a um ensaio sobre a violência doméstica no Brasil profundo. No país, apenas a partir de 1985 foram institucionalizadas medidas contra a violência doméstica, com a Campanha Nacional contra a Mulher, e a campanha “Denuncie a violência contra a mulher” (LAGE; NADER, 2013, p. 289). Ainda segundo Lage e Nader,

como membros da sociedade brasileira, os policiais também minimizavam a violência contra a mulher, sobretudo quando ocorria nas relações conjugais e no espaço doméstico, tendo dificuldade de considerá-la crime, a não ser nos casos de lesões corporais muito graves ou homicídios. Fiéis ao ditado “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”, a polícia, de um modo geral, considerava que não lhe cabia intervir nesses conflitos. Essa postura ainda é encontrada entre policiais, mesmo que a mentalidade que a sustenta esteja em processo de mudança. (LAGER; NADER; 2013, p. 300).

Ainda que sejam incompletos os registros sobre o tema da violência doméstica na segunda metade do século XX, a própria legislação pode ser utilizada como termômetro capaz de inferir o sentimento da população. Uma vez que o conto tenha sido publicado no mesmo ano da criação das primeiras campanhas nacionais contra a violência doméstica, e considerando que o próprio termo “feminicídio” tenha entrado no vocabulário jurídico brasileiro em 2015⁶, compreendendo o crime de homicídio cometido contra mulher(es) motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero, torna-se compreensível o tom quase panfletário de “Ave Maria das Graças Santos”. Tendo-se no horizonte o leitor da época, e o desejo de Alciene Ribeiro Leite de utilizar a literatura para “apontar a sujeira”⁷, entende-se que fosse necessário, mais do que indicar a adesão do narrador à protagonista, mas discorrer explicitamente sobre o assunto.

⁶ Cf. Lei Federal nº 13.104/2015.

⁷ Cf. Na quarta capa de **O João nosso de toda hora** (1980), Alciene Ribeiro Leite diz: “Não proponho soluções, que não compete à literatura solucionar. Apenas pretendo apontar a sujeira.”

2.2 Independência e Morte

O conto, escrito entre 2018 e 2019, abre a coletânea **Mulher explícita**. Ainda que trate também de um caso de feminicídio, este conto difere grandemente daquele quanto à sua estrutura. Curtíssimo, “Independência e morte” narra, em terceira pessoa, a vida inteira da protagonista inominada. São utilizados poucos verbos no conto, de modo que muitos períodos sejam totalmente nominais. Assim, temos uma narrativa composta por elipses, lacunas, silêncios. A respeito de narrativas construídas dessa forma, Zinani afirma que

Ao se preocupar com a revelação da escrita feminina através das lacunas do texto, de certa forma a autora recupera o princípio de que essa escrita revela-se através da história silenciada produzida pelo texto subjacente. Esse posicionamento recupera a proposição já reiterada por Showalter (1994), de que a ficção escrita por mulheres apresenta um modelo polifônico contendo uma história dominante e outra silenciada. (ZINANI, 2013, p. 39)

Há uma predominância do número sete no conto. A começar pelo nascimento da criança, aos sete meses, no mês sete (julho). Depois, o martírio nas mãos do padrasto, entre os sete e os dezessete anos, quando foi morar com homem de quarenta e sete anos, e a sua morte aos vinte e sete anos, no dia sete de setembro. Em que pese a clara referência entre o título do conto e o mítico grito “Independência ou morte”, lembrado no dia sete de setembro, Dia da Independência do Brasil, relacionando a morte da protagonista com um grito de liberdade, há que se considerar, também, o apelo mítico e simbólico do número sete:

Inicialmente observou-se que o sete é o número da conclusão cíclica e da sua renovação. [...] O número 7 é o símbolo universal de uma totalidade, mas de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total. (SETE..., 2020, p. 906)

Assim como o simbolismo cíclico e dinâmico do número sete, o conto é criado por meio pequenos ciclos paralelos entre si: aos sete meses de gestação, aos dezessete, aos vinte e sete anos. No primeiro ciclo, a protagonista nasce prematura – uma ironia nascer aos sete meses, número que ao mesmo tempo indica totalidade, sem ser porém a totalidade da gestação. Ao nascer, a protagonista não chora, indicando o silêncio no início

da vida da personagem, e a sua íntima relação com a morte – recém nascido que não chora corre grandes chances de não vingar. Ainda, nasce com o cordão umbilical no pescoço – o mesmo cordão umbilical que ao longo dos sete meses de gestação lhe traria o sustento, agora é risco de vida, e, ao mesmo tempo, acalanto uterino. O ambiente em que a personagem nasce é chamado “Farinha Podre”, que, independentemente do tipo de lugar a que se refere (vila, rua, cidade, fazenda), já indica que as condições de vida daqueles moradores não serão luxuosas. Ainda, o chão de terra batida aponta para uma possível falta de saneamento básico no local, e a boneca de pano no chão, um reforço para a idade da mãe-quase-criança. O segundo parágrafo complementa a ambientação: frio, seco, áspero.

Em seguida, o segundo ciclo se inicia aos sete anos, em que é “seviciada” pelo padastro. Aqui, chama-nos a atenção o uso da palavra “seviciada”, que não é corriqueiro. No entanto, a sonoridade da palavra parece trazer mais possibilidades de leitura, pois, além do sibilar já constante no período, com “sete” e “dezessete”, ainda possui som semelhante a “ser viciada”, ou “serva”, indicando diversas formas de submissão ou sevícia pela qual a personagem pode ter passado com o padastro.

No terceiro ciclo, aos dezessete, a protagonista casa-se em escambo, ou seja, tem sua própria vida posta como objeto de contrato entre o padastro, dono anterior, e o marido, dono futuro. Este é retratado como homem de posses, com idade suficiente para ser pai da protagonista, e “vivido nos sete mares”, ou seja, com vasta cultura. A diferença entre ambos é enfatizada pelo presente que ela a dá: uma boneca, que a garota “sobraçou”. Assim, fica ainda mais nítida a diferença entre ela, uma garota que gosta de bonecas, advinda da Farinha Podre, e o “marido”, homem experiente, e que bem conhecia as condições – inclusive de maturidade – da noiva.

No último ciclo, aos vinte e sete anos, há a morte da protagonista. Este é o ciclo que se contrasta com o primeiro. Se no primeiro ela nasce, neste ela morre. Em ambos, está com algo em volta do pescoço. No entanto, ao nascer era o cordão umbilical, elo com a mãe, fonte de alimento; ao morrer, o sutiã, símbolo da vida de mulher adulta. No primeiro ciclo, temos a enumeração dos adjetivos “frio, seco, áspero” para caracterizar o ambiente. No último, a enumeração dos substantivos “asfixia, abismo, queda” indicam o estado da própria personagem. No primeiro, estavam no casebre apenas ela e a mãe; no último, estavam no closet do sobrado apenas ela e o marido. No primeiro, estavam no

chão de terra batida uma boneca de pano e trapos. No último, há elementos que destoam da história contada até então: uma mala aberta sobre a cama, livros e cadernos. Revela-se, assim, a trajetória da protagonista, que, após ser objeto por toda a vida, inclusive no casamento, decide fazer algo por si: estuda (livros e cadernos) e, talvez, pretende partir (mala aberta na cama).

Porém, à personagem não é permitido que o ciclo de renovação se complete. Não lhe é permitido que se constitua como sujeito, como ser independente do patrimônio do marido:

O casamento primitivo funda-se, por vezes, num rapto real ou simbólico. Isso porque a violência cometida contra outrem é a afirmação mais evidente da alteridade desse outrem. Conquistando a mulher pela força, o guerreiro prova que soube anexar-se uma riqueza alheia e derrubar as barreiras do destino que seu nascimento lhe designara; a compra sob todas as suas formas - tributo pago, prestação de serviços - manifesta com menos evidência a mesma significação. (BEAUVOIR, 2016a, p. 109-110)

Assim como ocorria no casamento primitivo, a protagonista é considerada um anexo da riqueza daquele marido, que não suporta a possibilidade de sua partida. A independência desta mulher, portanto, é alcançada apenas com a morte.

3 CORPO RECONQUISTADO

3.1 Vinte anos de Amélia

Em “Vinte anos de Amélia”, publicado inicialmente em 1977 em **Queda de braço: uma antologia do conto marginal**, o narrador, ainda que em terceira pessoa, tem seu ponto de vista fundido com o da protagonista em diversos momentos da narrativa e, assim como outros contos de Alciene Ribeiro, constrói-se nas elipses. O nome da protagonista não é revelado. “Amélia”, do título, remete à canção “Ai! Que saudade da Amélia”, composta em 1942 por Mário Lago e Ataulfo Alves:

Ai! Que saudade da Amélia!

Nunca vi fazer tanta exigência

Nem fazer o que você me faz

Você não sabe o que é consciência

Não vê que eu sou um pobre rapaz

Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado, dizia:
Meu filho, o que se há de fazer?

Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia que era mulher de verdade
(ALVES; LAGO, 1942)

Após a popularização da canção acima, “Amélia” passou a designar mulheres dedicadas e submissas a seus maridos. O título do conto “Vinte anos de Amélia”, portanto, insinua como a personagem passou duas décadas de sua vida.

Em “Vinte anos de Amélia”, após um lapso temporal de vinte anos desde o dia do casamento, é o ponto de vista da mulher que comanda a narrativa. O conto se passa no espaço interno da casa da protagonista. Trata-se de um espaço fechado pela própria personagem no início da narrativa. Nesse espaço são enumerados elementos de ambientação que parecem refletir o estado da personagem ao longo da narrativa. No início, logo após a protagonista fechar a porta e o último carro dobrar a esquina, são enumerados “copos, cinzeiros cheios, pratinhos aqui e ali, — o brilho da festa.” (LEITE, 1978, p. 91), que apontam para a desordem e a sujeira da casa, sem porém, que a protagonista apresente incômodo com esse estado. Em seguida, após rememorar o dia do casamento e as “[h]umilhações, lágrimas, dores”, que transmutaram o casamento em “[s]ua cruz” (LEITE, 1978, p. 92), a personagem decide organizar o espaço antes de dormir. Ajeita os copos na pia, esvazia cinzeiros, junta pratos e garrafas. Em seguida, senta-se numa poltrona em frente a uma parede espelhada. Tais elementos, possíveis indicadores de prosperidade financeira, parecem apontar para a busca da personagem por conforto, na poltrona, e por sua própria identidade, no espelho.

Diante do espelho, a protagonista “[v]ê tudo sob novo ângulo” (LEITE, 1978, p. 93). O espelho é símbolo da verdade e do pensamento – não a toa, o reflexo traz reflexão à personagem. Ainda, é apenas pelo reflexo que um sujeito pode ver a própria face, e se (re)conhecer. Ao se colocar diante do espelho, a protagonista parece, pela primeira vez em vinte anos, colocar diante de si a própria imagem, a própria necessidade e existência, e não as necessidades alheias. É, pois, nesse momento que sente um “[m]al estar aflorando num bater de asas no peito, o coração igual ave cativa querendo alçar vôo” (LEITE, 1978, p. 93). A metáfora da ave cativa, largamente utilizada nas artes e na indústria cultural, é repetida aqui por Alciene Ribeiro, indicando que a situação da personagem não é única, mas uma experiência universal vivida por mulheres em condições semelhantes.

Então, a personagem percebe os objetos de decoração pela casa, retira as sandálias de salto e

Pela primeira vez em muitos anos se viu só. Mas não sozinha, solitária, que a solidão comungava com ela estreitamente. Gostou deste estar só. O de agora é um a sós consigo mesma, com seu nariz. Sua identidade. (LEITE, 1978, p. 93)

Após vinte anos de servidão e de submissão ao marido e responsável pela manutenção da casa, a protagonista entende sua situação como uma cruz – outra metáfora largamente utilizada -, e encontra, pela primeira vez, sua identidade. Percebe-se a sós consigo mesma, e gosta desse estar só. Percebe que estava brigada com a vida e se reconcilia com ela. Sorri e entende que é a causadora do próprio sorriso. Liberta-se da submissão jurada na igreja, das humilhações, lágrimas, dores. Brinda-se a si mesma. Abre a porta e ganha a rua.

Simone de Beauvoir, ao descrever a vida da mulher casada, relaciona a mulher à casa. Segundo a francesa, a mulher se esforça para dar ao interior da casa o valor que possuía a verdadeira casa, de ideal da felicidade. A mulher, então, trata

[...] de transformar essa prisão em reino. Sua atitude em relação ao lar é comandada por essa mesma dialética que define geralmente sua condição: ela possui tornando-se uma presa, liberta-se abdicando; renunciando ao mundo ela quer conquistar um mundo. (BEAUVOIR, 2016b, p. 219)

Da mesma forma, a protagonista de “Vinte anos de Amélia”, durante os vinte anos de casamento, foi submissa ao seu marido, servindo de “[a]cessório de lavar, passar, cozinhar. Mero receptáculo para as crises de paixão do marido. [...] Serviu, serviu, serviu. Só. Deixara-se anular como pessoa.” (LEITE, 1978, p. 93-94). O trabalho doméstico, feito pelo tempo antes de se reencontrar consigo mesma, de buscar sua identidade, parece ter sido realizado como uma forma de “fuga indefinida para longe de si mesma” (BEAUVOIR, 2016b, p. 228) que teve seu fim. A protagonista, observando-se, dá um passo em direção à sua liberdade. Se na primeira frase do conto ela fechou a porta, na última ela “[a]briu a porta e ganhou a rua” (LEITE, 1978, p. 94).

3.2 Plenilúnio

Publicado pela primeira vez em 2003, em caderno de literatura de periódico local, o conto, em primeira pessoa, narra a espera da protagonista, Marlene, pelo encontro com um ex-namorado, Darlan. Ao anoitecer, Marlene relembra e reconta a história de amor de ambos, desde o primeiro beijo, naquela mesma praça, até o término, os casamentos, a vida atual. Por fim, aparentemente num súbito, Marlene percebe que o homem que virá encontrá-la não é o mesmo de suas memórias e imaginações, mas um Darlan de carne e osso, já amadurecido e alterado pelas experiências vividas. Então, Marlene decide ir embora.

O título do conto, plenilúnio, traz importante chave de leitura para a compreensão do conto. O plenilúnio, fase da lua cheia, aparece explicitamente no conto apenas no trecho “A lua já se delineia redonda para o mútuo iluminar do avistarmos” (RIBEIRO, 2019, p. 44). No entanto, há que se observar o significado que tal evento simboliza. Inicialmente, a lua é astro popularmente utilizado em contraposição ao sol. Enquanto o sol brilha por si, e representa a masculinidade, a racionalidade, a feminina lua apenas reflete o brilho do sol. Significa, portanto, entre outros, dependência (LUA..., 2020, p. 630). Ademais, por possuir diversas fases, ao longo de um mês, relaciona-se com outros elementos femininos: os ciclos das águas, os ciclos hormonais femininos. O período da lua cheia, do plenilúnio, é aquele em que a lua está novamente com força total, recomposta após o definhamento durante a fase minguante, esconderijo durante a fase nova, e reconstituição durante a fase crescente. É, portanto, segundo o folclore, o período ideal para o amor, e para atividades noturnas, sob a bênção da deusa lunar.

Ainda, em razão de suas fases, a lua pode significar “o tempo vivo, do qual ela é medida, por suas fases sucessivas e regulares” (LUA..., 2020, p. 630). Por fim, o arcano A Lua no tarô significaria “a neurastenia, a tristeza, a solidão, as doenças (G. Muchery); o fanatismo, a falsidade, a falsa segurança, as aparências enganadoras, o falso caminho, o roubo cometido por pessoas próximas ou serviçais, as promessas sem valor.” (LUA..., 2020, p. 634). Assim, a lua conecta-se ao que não é sólido, certo, mas às emoções, às ilusões, ao tempo passado, e, claro, ao feminino. Neste conto, o título pode indicar que a protagonista estará em sua fase de plenitude, de mínima dependência da contraparte masculina (sol), que o tempo passou, e que ela deixará de se apoiar em ilusões.

Diversos parágrafos deste conto começam com “Daqui a pouco”. Trata-se de uma promessa, uma criação da própria protagonista que aguarda a chegada de seu amado. Em, ao longo do conto, é contrastado o antigo Darlan com o homem que ele possivelmente seria. A primeira decepção, ainda na juventude, quando Marlene descobriu que ele “também aderira ao comércio da zona boêmia” (RIBEIRO, 2019, p. 44), diferente do jovem “especial e único, algo como alma gêmea, a outra metade”. Porém, percebe-se que a protagonista continua mantendo algumas ilusões a respeito de Darlan, ao acreditar que, encontrando-se, eles farão planos, lembrarão os futuros filhos que nunca tiveram.

É, então, revelado que a escolha do ponto de encontro se deu por causa do primeiro beijo do casal, e Marlene, ainda que diga que sabe que foi apenas um beijo de colegiais, ainda o considera a inauguração de seu anseio de mulher, aquilo que sacralizaria o primeiro amor para todo o sempre. E, como o namoro não foi bem sucedido, posto que brigassem muito, Marlene agora busca o reencontro na esperança de que, desta vez, possam ficar juntos. Não há, porém, nenhum indício de que isso poderia ocorrer agora, ou mesmo que o próprio Darlan tivesse interesse, agora, num relacionamento amoroso com Marlene. A protagonista parece alicerçar essas ilusões nas memórias e na construção que fez de um Darlan que já não conhece mais. Exemplo disso está no trecho em que narra o momento em que ele vai embora da cidade:

Meio alheado dos apertos de mão você atentava aos populares em acenos de boa viagem. Eu pensava vê-lo a discreta distância, mas fui flagrada entre os rostos anônimos. À revelia, fiz-me dínamo elétrico do seu engolir em seco. Carecia de extintores e seus olhos expediam chamas. Consumimo-nos dez segundos no incêndio do-que-poderia-ter-sido.

Segurança de primeira dama nos documentos, sua esposa interceptou, como braço esquerdo, a promessa em combustão. Um sexto sentido tornou-a vilã da hora. (RIBEIRO, 2019, p. 49)

Para além da interpretação que a própria protagonista dá aos olhares, nada de fato ocorreu naquele evento, nada que indicasse reciprocidade de Darlan aos sentimentos de Marlene. A personagem, ainda que tenha se casado e, aparentemente, viuvado, parece ter passado a vida toda esperando por um relacionamento duradouro e feliz com Darlan, sem, no entanto, haver indicação no conto de que ele também tivesse o mesmo interesse. Coloca-se Marlene como Penélope a esperar anos por seu amado, e apenas então percebe

que “você virá de braços dados com a aposentadoria e o pigarro do vício antigo. Lógica cruel e verdade madrasta.” (RIBEIRO, 2019, p. 50). Em poucas linhas, então, temos a resolução de Marlene, que decide tomar um ônibus para ir embora, antes que Darlan chegasse. Ainda que pareça uma decisão abrupta, trata-se de veredicto emitido após reflexão ao longo de todo o conto. Marlene contrasta suas ilusões pueris com a verdade madrasta e, ponto a ponto, desconstrói a imagem do Darlan que habitava sua imaginação, para chegar à conclusão de que este que chegará daqui a pouco provavelmente não lhe interessa.

Em plenitude como a lua cheia, Marlene enfim se percebe livre das ilusões que ela própria construiu, e prefere ficar sozinha.

4 CORPO DESEJANTE

4.1 Transa

O conto “Transa”, também publicado em **O João nosso de toda hora** (1982), trata de um diálogo entre uma mulher viúva e um rapaz no qual eles negociam as condições de uma relação sexual que a viúva intenta contratar com o jovem.

Superficialmente, o conto “Transa” parece retratar uma mulher que, por estar a contratar os serviços sexuais de um rapaz, aparenta ser “dona do seu nariz e da *perseguida*” (RIBEIRO, 2019, p. 14). No entanto, é possível encontrar, no discurso, marcas que denotam a submissão da viúva em relação ao jovem.

O conto é construído em discurso direto, com breves entradas por parte do narrador em terceira pessoa. A partir de sua onisciência, que permite que o narrador tenha acesso às emoções das personagens, é perceptível sua adesão à personagem feminina a partir da forma como as personagens são descritas. Enquanto o rapaz é caracterizado pela voz do narrador como “displacente”, “desconfiado”, “entre crítico e irônico”, “agressivo”,

a viúva é retratada como “decepcionada”, “conciliadora”, “desanimada”, “vermelha”. Torna-se possível, assim, entender que o narrador expressa, por esses caracterizadores, a relação entre o jovem e a mulher como sendo de dominação por parte dele em relação a ela.

Apesar de ser a mulher quem tem melhores condições financeiras, quem possui um carro, quem dispõe de capital para pagar o rapaz e quem tem “um certo *status*” (RIBEIRO, 2019, p. 15), é o homem que, ainda que jovem, submete a mulher às suas vontades e ao seu domínio. Essa leitura pode ser comprovada nos trechos em que são encontrados conflitos de vontade entre as duas personagens: em todos os conflitos, a mulher se submete ao desejo do jovem. No início da narrativa, a mulher propõe um valor:

- Eu te dou quinhentos – a mulher fala.
- É pouco — o moço responde, displicente.
- Mil — ela torna. (RIBEIRO, 2019, p. 11)

Em seguida, quando do contrato da duração,

- Quanto tempo? — desconfiado.
- Não sei... que que você acha?
- Uma hora...?
- Só...? — decepcionada.
- E não dá? — um riso de lado.
- Dá, mas... — Ela baixou os olhos.
- Então.
- Tá certo. (RIBEIRO, 2019, p. 11)

No trecho acima, é possível observar não apenas que a mulher se submete à vontade do rapaz, como também que ela, ao abaixar os olhos, assume uma postura na qual, de acordo com Bourdieu (2016, p. 46), “a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural”. Em toda a narrativa, a personagem feminina não impõe quaisquer decisões, de forma que, no momento em que ela intenta convencer o rapaz a pagar pela bebida, ela, segundo o narrador, arrisca-se:

- O justo é você pagar... — ela arrisca.
- Eh... já falei, bebida me atrapalha. (RIBEIRO, 2019, p. 12)

O uso do verbo “arrisca” pode sugerir que tentar impor sua vontade é um risco à personagem, que se faz parte hipossuficiente nesta relação. Ao combinar outras condições, a mulher faz sugestões e pede por aprovação do rapaz:

- Que hora, então?

- Às oito tá bom pra você?
 — Legal.
 — No meu carro?
 — E eu tenho...? — irônico.
 [...]
 — Às oito, então? Onde, hem?
 — No *Refúgio*, tá bom?
 — Legal.
 — Te pego aqui. (RIBEIRO, 2019, p. 13-15)

É possível, assim, identificar uma variação da autonomia de vontade da personagem feminina da primeira frase da narrativa até o momento da decisão do local. No início, ela fala “Eu te dou quinhentos”, sem pedir por confirmação do rapaz. Diante do argumento do rapaz de que quinhentos seria pouco, ela faz outra proposta, sobrando o valor, sem contra-argumentar, ou seja, submetendo-se à vontade daquele. Há uma nova queda de autonomia quando ela, a contragosto, aceita a proposta de duração feita pelo rapaz e baixa os olhos. Em seguida, ela argumenta que o rapaz “já está querendo demais” (RIBEIRO, 2019, p. 12) ao querer que ela pague pelo quarto, havendo leve ganho de autonomia, com nova queda em seguida quando tacitamente aceita a condição do rapaz. Durante a negociação do pagamento pela bebida que o rapaz tomaria, a sugestão de que seria justo que ele pagasse é tida como arriscada, revelando que a mulher já não se encontra tão autônoma quanto no começo da narrativa. Novas quedas de autonomia acontecem quando ela oferece o próprio carro, mesmo que tivesse pensado de antemão que ele poderia tomar um emprestado, e posteriormente, ao perguntar se ele estava de acordo com o local. Ao final, ela se resigna, assume o papel de servente na relação e diz que o buscará.

Outra sugestão da submissão da mulher em relação ao jovem ocorre durante toda a narrativa, nos momentos em que ele a interrompe⁸:

- Dá, mas... — Ela baixou os olhos.
 — Então. (RIBEIRO, 2019, p. 11)
 — Tem muito garoto aí que...

⁸ Considera-se, aqui, interrompida não toda fala terminada em reticências, mas aquela que, antes das reticências, possui: ou um pronome pessoal do caso reto; ou uma conjunção que, gramaticalmente, deve iniciar orações; ou um pronome relativo. Nesses casos, sintaticamente se exige uma continuação das orações, o que indica a interrupção e não mero silêncio da personagem.

- Vai com eles então, uai. [...] (RIBEIRO, 2019, p. 12)
- Não é frescura não, pode até não acreditar, mas com você é diferente, eu...
- Diferente como? — entre crítico e irônico (RIBEIRO, 2019, p. 12)
- Você pode achar que é bobagem mesmo, mas... sabe, eu tenho um certo *status* e...
- Ai meu saco! (RIBEIRO, 2019, p. 15)
- Essa conversa... eu...
- Por que que cê num arruma um cara da sua idade? — ele, cruel.
- Da minha idade...? Ah... eles só querem mocinha... e...
- “Pra burro véio o remédio é capim novo...” — ele cantarola numa imitação grosseira do Luiz Lua Gonzaga. (RIBEIRO, 2019, p. 16)

A situação inversa, com a mulher interrompendo, ocorre uma única vez. No entanto, o narrador mostra que a interrupção se dá por vergonha da parte dela:

- Por falar em língua, tem um troço que num foi combinado, manjou bem? Comigo é preto no branco, falta acertar...
- Pode ficar descansado — **diz depressa**.
- Não inclui?...
- Não — ela responde, rubra por fora e por dentro.
- Ah bom... — ele torna, aliviado.
- Sei que é bobagem preocupar com fofoca, mas não tem jeito, acho que sou mesmo uma boba, sabe — ela, **desviando o assunto**. (RIBEIRO, 2019, p. 14, grifos nossos)

Ao longo da narrativa, a personagem feminina parece se preocupar com o que o jovem pensa e sente, ao passo que ele passa da ironia à crítica e à incompreensão. Isso pode ser observado, por exemplo, quando ela pergunta se pode confiar no sigilo dele. Enquanto a mulher demonstra compreender que ele pode não entender por ser muito novo, ele exclama “Ai, meu saco!” e afirma “Estou me cagando pra sua posição [...]”. Em seguida, ela aparenta se preocupar com a possibilidade de ele não ter gostado do pedido de sigilo, e diz sentir “uma coisa ruim” de pensar que ele poderia se envergonhar dela. Quando, porém, ela se ofende por ele dizer que “não tem nada demais, é só um negócio”, a reação dele não é de compreensão como fora a dela, mas de repreensão: “Eh, melindre agora pro meu lado?” (RIBEIRO, 2019, p. 16)

Depreendida do texto através das marcas anteriormente apresentadas, a submissão da mulher em relação ao jovem, ainda que não expressamente exposta na narrativa, parece oferecer pistas a respeito da segunda história do conto. Além de querer que o encontro

dure mais, a mulher quer que o jovem pague pelo quarto e pegue um carro (mesmo que emprestado) para buscá-la, ou seja, ela quer que ele assuma uma postura tradicionalmente cavalheira.

Somados ao fato de ela dizer a ele “com você é diferente” (RIBEIRO, 2019, p. 12), esses pontos sugerem que a viúva, na verdade, não está em busca apenas de uma transa, como insinua o título, mas, principalmente, de uma companhia que, provavelmente, a faça lembrar de seu falecido marido. Ademais, a mulher aparenta sentir-se inadequada neste papel de “mulher moderna” que tenta assumir. Apesar dos avanços do feminismo, tem dificuldades em lidar com a situação. Ainda está presa ao modelo patriarcal, buscando seguir os “rituais” em que cabia ao homem tomar as iniciativas.

Ademais, por dizer que as pessoas jovens ainda têm alguma ilusão e esperança na vida, que na juventude as coisas são muito mais simples e que os homens de sua idade só querem mocinhas, pode-se entender que a busca por uma companhia reflete o desejo de retornar a um estado anterior, em que ela também era jovem, tinha esperança na vida e não era ainda viúva. Assim, a mulher viúva de “Transa” procura uma volta ao passado, a um estado em que o homem tomava iniciativa, de modo que ela não precisasse pagar por uma transa, uma companhia, um quarto ou a bebida do amante, ou precisar utilizar o próprio carro para um encontro amoroso nem se preocupar com o povo que se preocupa mais com viúvas do que com solteiras.

O conto parece estar imbuído, desta forma, da representação do desvalor da mulher perante à sociedade patriarcal, atingido quando da falta de um homem ao seu lado. Numa sociedade em que a esposa é vista como propriedade do homem, e em que “o próprio ato sexual é pensado em função do princípio do primado da masculinidade” (BOURDIEU, 2016, p. 33), a procura de companhia disfarçada de procura por uma transa se transmuta em procura pela própria identidade.

4.2 Pensar axilas

Em “Pensar axilas”, de 2019, a protagonista, após uma noite “surreal” com o namorado, passa a identificar em diversos meios de comunicação imagens e mensagens que ela considera mensagens cifradas enviadas pelo próprio namorado. Naquilo que parece ser uma crise de neurose obsessiva, ao longo do dia, a protagonista revela, a partir de memórias, as origens de sua crise, até que, ao fim, é revelado o que ocorreu na noite anterior. A construção deste conto segue uma cronologia não linear: a narrativa se inicia num momento do presente, e então, por meio da crise ansiosa da protagonista, somos lançados, junto do conto, ao seu passado. O fio condutor desse conto é, pois, não o fio do tempo, mas o da forma como a protagonista lida com seus desejos e suas contradições.

Inicialmente, a personagem tem sintomas físicos semelhantes a uma náusea, ao se recordar da noite anterior. Em seguida, ao buscar um jornal para se distrair, vê fotos de políticos exibindo suas axilas suadas, buscando proximidade com eleitores. Vê, ainda, fotos de atletas suados. Imagens que parecem comuns para um jornal, aos olhos da protagonista são claros recados cifrados enviados pelo namorado jornalista, em combinação com o amigo diagramador, para lembrá-la do que fizeram. O mesmo ocorre com a crônica publicada no caderno dois: o fato de o cronista ter usado a palavra “sovaco” e confessado fetiche por essa parte do corpo, era claramente pauta de seu namorado, “com o propósito de espezinhar a perplexa desertora” (RIBEIRO, 2019, p. 107). E, diante de tal afronta, ela planeja enviar mensagem ao cronista, o suficiente para colocá-lo aos seus pés “... ou debaixo do braço” (RIBEIRO, 2019, p. 107). Tal expressão, somada à crescente perturbação da protagonista ao enxergar recados cifrados sobre axilas em todo o jornal, mostra uma sua contradição: se lhe é asquerosa a axila, por que gostaria de colocar o cronista debaixo de seu braço?

A contradição cresce quando a personagem pensa no transporte público e sua infundável variedade de axilas expostas: “masculinas, femininas, novas, velhas, cheirosas ou fedidas, depiladas ou carentes de um bom barbear. Múltiplos orgasmos *versus* vômitos entalados.” (RIBEIRO, 2019, p. 107). É, mais uma vez, atada a relação entre gozo e nojo, a contradição entre o querer e o não querer.

Buscando fugir, a personagem liga a televisão, e vê três moças com axilas a mostra, em comercial de desodorante com apelo erótico. “Propaganda violadora”

(RIBEIRO, 2019, p. 108), a peça publicitária provoca na protagonista a imaginação de beijos na axila - imagem insuportável, faz com que desligue a televisão. Em seguida, a personagem lembra-se de outros episódios axilares, todos ligados à vergonha do suor, do cheiro, o recalque axilar. Depois, lembrou-se da infância, dos peões na fazenda do tio, “o odor selvagem fascinava e lhe dava asco, embora o traduzisse pelo simples nojo” (RIBEIRO, 2019, p. 109). E se lembrou da própria puberdade, quando ela mesma começou a suar pelas axilas, e a vergonha e o encaramujamento que lhe causaram.

A protagonista parece ter desenvolvido, já na juventude, uma super moralidade, com excesso de preocupação com limpeza relacionada às axilas, e pensamentos obsessivos a respeito dessa parte do corpo, de forma a lhe serem traumáticas diversas interações sociais que pudessem envolver axilas – ainda que a preocupação fosse apenas dela. Então, quando o namorado, “acima de qualquer suspeita” (RIBEIRO, 2019, p. 114), beija-lhe as pudicas axilas, a protagonista se sente eletrizada, e, incapaz de lidar com as contradições do desejo e do nojo, foge.

É esse conflito que caracteriza singularmente a situação da mulher libertada. Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar seu sexo seria também uma mutilação. (BEAUVOIR, 2016b, p. 506)

Ainda que o conto termine com a fuga da protagonista, entendemo-na relativamente livre para o seu desejo, uma vez que ela mostra compreender as contradições de sua neurose obsessiva. Embora tenha pensamentos obsessivos a respeito das axilas, a personagem parece se colocar em processo de autoanálise, na busca pela origem de sua neurose, e, principalmente, compreendendo que isso é questão sua, que não tem relação direta com um outro-homem. Portanto, o que a prende não é a relação de gênero estabelecida com um homem, mas a própria condição neurótica a que está sujeita.

CONCLUSÃO

Ao longo dos capítulos, procuramos demonstrar como são retratadas as relações de gênero nos contos de Alciene Ribeiro Leite, considerando as duas fases da constância da autora. Identificamos que, nos contos da primeira fase, são utilizadas técnicas narrativas que buscam “defender” a personagem feminina frente ao homem patriarcal, enquanto na segunda fase as relações de gênero são dadas como reconhecidamente desiguais.

Acreditamos que a alteração no discurso feminista na sociedade, aliado às mudanças nas relações de gênero no meio extraliterário tenha tido impacto relevante na produção de Alciene Ribeiro Leite, uma vez que a compreensão de certos institutos e fenômenos, como a violência doméstica, as relações de trabalho, a prostituição, a sexualidade feminina também tenham evoluído ao longo das décadas, graças ao trabalho dos movimentos sociais – entre eles, o feminismo. Assim, não apenas a própria literatura criada durante a primeira fase pode ter influenciado o meio social, mas também o meio social influenciado a produção literária.

No momento em que a mulher se apropria da narrativa, externando seu ponto de vista, passa a questionar as formas institucionalizadas, promovendo uma reflexão sobre a história silenciada e instaurando um espaço de resistência contra as formas simbólicas de representação por meio da criação de novas formas representacionais. (ZINANI, 2014, p. 12)

Sem intenção de esgotamento do tema, esta tese compreende as limitações advindas da pesquisa de obra de autor vivo, em produção, de modo que este trabalho se coloca como a análise de um recorte da obra. Julgamos bem sucedido o propósito da tese, visto que se trata de pesquisa inédita, ao relacionar as mudanças na técnica narrativa não apenas com um amadurecimento do estilo da autora, mas com a própria evolução do discurso feminista na época da publicação dos contos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia de Alciene Ribeiro

- 1977.** LEITE, Alciene Ribeiro. Vinte anos de Amélia. In: MATTOSO, Glauco; MACIEL, Nilto (orgs.). **Queda de braço:** uma antologia do conto marginal. Rio de Janeiro: Club dos Amigos do Marsaninho; Fortaleza: Movimento de Intercâmbio Cultural, 1977. p. 29-32.
- 1978.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Eu choro do palhaço.** Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1978. 108 p.
- 1979a.** LEITE, Alciene Ribeiro. A Ponta do Novelo. In: BARROCA, Alberto et al. **A presença do conto:** antologia. São Paulo: Editora do Escritor, 1979a. p. 13-17.
- 1979b.** LEITE, Alciene Ribeiro. Mentira de João. In: BORGES, Joaquim (coord.). **Ponta de lança:** antologia de contos. Uberaba, MG: Editora Juruna, 1979b. p. 17-21.
- 1980.** LEITE, Alciene Ribeiro. **O João nosso de toda hora.** Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1980. 107 p.
- 1982.** LEITE, Alciene Ribeiro. Alciene Ribeiro Leite. In: LEITE, Alciene Ribeiro et al. **Cidade e caminho:** contos. Ituiutaba, MG: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1982. p. 10-26.
- 1984a.** LEITE, Alciene Ribeiro. Ave Maria das Graças Santos. In: ARINOS, Afonso et al. **Histórias mineiras.** São Paulo: Ática, 1984a. p. 18-21.
- 1984b.** LEITE, Alciene Ribeiro. **O mágico de olho verde.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984b.
- 1986a.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Borracha nele!** Ilustrações Virgílio Piló Veloso. Belo Horizonte: Editora Lê, 1986a.
- 1986b.** LEITE, Alciene Ribeiro. Doutor da Alma. In: GUIMARÃES, Airton et al. **Contos da terra do conto.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986b. p. 11-15.
- 1986c.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Filho de Pinguço.** Ilustrações Manoel Victor de A. Filho. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1986c.
- 1987.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Tecelã de sonhos.** Ilustrações Ferruccio Verdolin Filho. Belo Horizonte: RHJ, 1987.
- 1988.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Um jeito vesgo de ser.** São Paulo: Editora do Brasil, 1988. 32 p.

- 1989a.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Drácula Tupiniquim.** Ilustrações Rosa Maria Schettino. Belo Horizonte: RHJ, 1989a.
- 1989b.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Nos beirais da memória.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: Imprensa Universitária, 1989b.
- 1989c.** LEITE, Alciene Ribeiro. Um porvir alemão. In: LEITE, Alciene Ribeiro (org.). **O fino do conto.** 2. ed. Belo Horizonte: RHJ, 1989c. p. 9-17.
- 1989.** MARIA, Alciene. ... **E tudo se repete.** Belo Horizonte: Barvalle Indústrias Gráficas, 1989.
- 1990.** MARIA, Alciene. **Exercícios de aprendiz.** Belo Horizonte: Editora do autor, 1990. 40 p.
- 1990a.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Idéias às pampas.** Ilustrações Martinez. São Paulo: Editora do Brasil, 1990a.
- 1990b.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Moça Baleia.** Ilustrações Heloisa Galves. Projeto Walter Szeligowski Ramos. São Paulo: Editora do Brasil, 1990b.
- 1991a.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Condão do gira-mundo.** Belo Horizonte: Editora RHJ, 1991a.
- 1991b.** LEITE, Alciene Ribeiro. De como engolir sapos. In: TORRES, Wagner (org.). **Flor de vidro:** antologia de autores mineiros: categoria/contos. Belo Horizonte: Editora Arte Quintal, 1991b. p. 33-38.
- 1992.** LEITE, Alciene Ribeiro. **O astronauta de Konsolanto.** Ilustrações João David. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira : Departamento Editorial, 1992.
- 1995.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Bicho de goiaba.** Ilustrações Edna de Castro. 3. ed. São Paulo: FTD, 1995.
- 1996.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Um pouco de luz:** um manual do espírita principiante. 2. ed. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1996.
- 1999.** LEITE, Alciene Ribeiro. Mulher em recesso. In: NEPOMUCENO, Luis André et al. **8º Concurso de Contos Luiz Vilela.** Ituiutaba, MG: Fundação Cultural de Ituiutaba, 1999. p. 25-30.
- 2001.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Lagarta atrevida, borboleta e vida.** Ilustrações Deborah Borges. Uberlândia, MG: Rauer Livros, 2001.
- 2002 .** LEITE, Alciene Ribeiro. **Uma coelhinha dodói.** Ilustrações Rita de Blasiis. Belo Horizonte: Alis, 2002.
- 2004a.** LEITE, Alciene Ribeiro. A porta de serviço é serventia da morte. In: CAGIANO, Ronaldo (org.) **Antologia do conto brasileiro.** Brasília: Livraria Suspensa, 2004a. p. 41-45.

- 2004b.** LEITE, Alciene Ribeiro. **O livro de (quase) todos:** (relatos biográficos). Ituiutaba, MG: Fundação Cultural de Ituiutaba, 2004b.
- 2005.** LEITE, Alciene Ribeiro. Um porvir alemão. In: LEITE, Alciene Ribeiro et al. **Antologia de contos.** Ituiutaba, MG: Editora Gráfica Ituiutaba Ltda, 2005. p. 9-17.
- 2010.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Troca-troca.** Ilustrações Patricia Woll. Sabará, MG: Ed. Dubolsinho, 2010.
- 2012.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Ora, pipocas!** Ilustrações Ferruccio Verdolin Filho. 3. reimp. Belo Horizonte: RHJ, 2012. 12 p.
- 2013.** LEITE, Alciene Ribeiro. **Ora, pipocas!** Ilustrações Sandra Lavandeira. Belo Horizonte: Baobá, 2013. 20 p.
- 2019.** RIBEIRO, Alciene. **Mulher explícita.** Uberlândia, MG: Pangeia, 2019.

Demais obras

- ALVES, Ataulfo; LAGO, Mário. **Ai! Que saudade da Amélia.** Rio de Janeiro: Odeon, 1942. Disco 48 RPM.
- ANGELIDES, Sophia. **A. P. Tchekhov:** cartas para uma poética. São Paulo: Edusp, 1995.
- BARROCA, Alberto et al. **A presença do conto:** antologia. São Paulo: Editora do Escritor, 1979.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** a experiência vivida, volume 2. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão:** o descondicionamento da mulher. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOOTH, Wayne C. **The rhetoric of fiction.** Chicago: The University of Chicago Press, 1966.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2016.
- BUSATO, Susanna; ASSUNÇÃO, Sandra. Dos espaços do corpo ao corpo no espaço: literatura e cultura. **REVELL - Revista de estudos literários da UEMS**, [S. l.], v. 2, n. 25, p. 11–18, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/5830>.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 32.

COR. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 34. ed. rev. e atual. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 330-336.

DUARTE, Carina Marques. Nas malhas do discurso: o inventário da sordidez humana em “Aviso prévio”, de Alciene Ribeiro. *In*: RODRIGUES, Rauer Ribeiro; CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva; PORTELA, Natália Tano (orgs.). **Mulher, gênero, erotismo**. Uberlândia, MG: Pangeia, 2019. p. 64-75.

DUARTE, Constanca Lima (org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2010. p. 37-38.

DUMITH, Denise de Carvalho. **O mito de Penélope e sua retomada na literatura Brasileira: Clarice Lispector e Nélide Piñon**. 2012. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012.

FÍGADO. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 34. ed. rev. e atual. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 488-489.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 3. ed. São Paulo: Trindade, 2015.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. 2. ed. New Haven/London: Yale University Press, 2000.

GINSZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas: quaderni di letterature iberiche e iberoamericane** [on-line], n. 2, 2012, p. 199-221. Disponível em: <<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790>>.

GOMES, Carlos Magno. Marcas da violência contra a mulher na literatura. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 13, jul. 2013, p. 1-11.

GUIMARÃES, Airton et al. **Contos da terra do conto**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher: da legitimação à condenação social. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 286-312.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LUA. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 34. ed. rev. e atual. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 630-635.

LUCAS, Fábio. O conto no Brasil moderno. In: PROENÇA FILHO, Domício (org.). **1ª bienal Nestlé de literatura brasileira**: livro do seminário de literatura brasileira. São Paulo: LR Editores, 1982. p. 103-164.

MACIEL, Nilto. A dimensão do choro. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 13, n. 611, p. 2, jun.. 1978. Suplemento Literário. Disponível em: <<http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=13061106197802>>.

MAJADAS, Wania. O João nosso de toda hora. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 15, n. 919, p. 2, jun. 1982. Suplemento Literário. Disponível em: <<http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=15081806198202>>.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Hemingway: ficcionista e repórter. **Itinerários**, Araraquara, n. 29, p. 407-416, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2375/1908>>.

MARQUES, Elza Maria Ribeiro Rodrigues. De mágicos e outros sonhos. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 974, p. 10, jun. 1985. Suplemento Literário. Disponível em: <<http://150.164.100.248/WebSupLit/exbGer/exbSup.asp?Cod=20097406198510>>.

MELLO, Gianni Paula de. Penélope, a odisseia da espera. **Revista Cisma**, v. 3, n. 5, p. 43-55, jan. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cisma/article/view/96554>>.

NOME. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 34. ed. rev. e atual. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 714-715.

PAIVA, Marcelo Whiterly (org.) A famosa entrevista. In: _____. **Hemingway por ele mesmo**. São Paulo : Martin Claret, 1990. p. 61-86.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem**: a presença de escritores da periferia na cena literária contemporânea. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2017.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. **Formas breves**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo : Companhia das Letras, 2004. p. 87-94.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

POE, Edgar Allan. A filosofia da composição. In: _____. **Ficção completa, poesia & ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 196. p. 911-920.

_____. Segunda resenha de Edgar Allan Poe sobre Twice-told tales, de Nathanael Hawthorne. In: KIEFER, Charles. **A poética do conto**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004a. p. 189-199.

_____. Terceira resenha de Edgar Allan Poe sobre Twice-told tales, de Nathanael Hawthorne. In: KIEFER, Charles. **A poética do conto**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004b. p. 201-216.

PONTIERI, Regina. Formas históricas do conto: Poe e Tchekhov. In: BOSI, Viviana; CAMPOS, Cláudia Arruda; HOSSNE, Andrea Saad; RABELLO, Ivone Daré (orgs.). **Ficções: leitores e leituras**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001. p. 91-111.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Organização e apresentação da edição brasileira por Augusto de Campos; tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

QUIROGA, Horacio. Decálogo del perfecto cuentista. In: _____. **Todos lo cuentos: edición crítica**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 1195.

ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith. As meninas na literatura infanto-juvenil brasileira. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. II, n. 3, set./dez. 1995, p. 213-221.

SETE. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 34. ed. rev. e atual. Tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020. p. 905-910.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. As mulheres no Suplemento Literário do Minas Gerais. **Caletroscópio**, Mariana, MG, v. 4, p. 119-134, 2016. Número especial. Disponível em: <<http://www.ichs2.ufop.br/caletroscopio/revista/index.php/caletroscopio/article/view/125/112>>.

VRATIMOS, Maria Angélica. Rauer revela a grandeza da vida através de símbolos submersos. In: RAUER. **Iceberg**. Uberlândia : Rauer Livros, 1999. p. 3-10.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. 2. ed. Caxias do Sul, RS : Educs, 2013.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. **Antares**, v. 6, n. 12, jul./dez. 2014, p. 183-195. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/3059/1814>>.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009. Disponível

em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf>>.

ANEXOS

Anexo 1: Digitalização do conto “Teúda e Manteúda”

LEITE, Alciene Ribeiro. Teúda e Manteúda. In: _____. **Eu choro do palhaço**. Belo Horizonte : Editora Comunicação, 1978.

Teúda e Manteúda

Fechei o caixa. Deu uma diferença de 30 cruzeiros e 31 centavos. O patrão disse que isto não pode. Que eu prestasse mais atenção. Ele ficou mais pálido que o costume. E falou que levava em conta minha condição de aprendiz. Mas que não se repetisse. Recomendou maior cuidado daqui pra frente. Estava mais pálido que nos outros dias, o chato.

Eu fiquei reparando na verruga da sombrancelha. Ela é preta pretíssima. Mas os fios de cima da verruga são brancos. Uma sombrancelha é toda preta. A outra tem uns fiozinhos brancos misturados. A que tem verruga.

O vidro da mesa refletia o amarelão dele. Acho que

está com icterícia. Vive com icterícia. Salvo engano é doença de bebê. Mas o patrão sofre de icterícia crônica. Coisa ficada da primeira infância. Tem dia que agrava. Como hoje. E foi dar esta diferença. Meu chefe está com crise de icterícia e deu diferença no caixa.

Ele apertou os lábios finos, com a notícia. E arqueou a sombrancelha que não tem verruga. É ela que ele suspende, se contrariado. A que não tem verruga e é preta, sem os fiozinhos brancos. De tão pálido, pensei que ia desmaiar. Mas suspirou. Ou respirou fundo, sei não. Depois bateu a esferográfica no mata-borrão. E se borrou todo amarelo pro meu lado.

Não está certo dar diferença, Dona Marilda.

Se fosse prejuízo . . . mas lucro, puxa vida! Quê ele quer ainda. Prejuízo eu pagava. Deu gana de embolsar o lucro, juro que deu. O justo era me dar os 30 cruzeiros e 31 centavos. E fim. É ou não é? Valia a condução. Mostardento mal agradecido. Na próxima, fico com o excedente. Se faltar eu cubro. Se passar eu fico. Não tô a fim de agüentar crises ictericas.

Antes de passar pro caixa, às vezes me cumprimentava. Teve um dia que até sorriu. O patrão às vezes me cumprimentava e teve um dia que sorriu. Quando eu trabalhava na seção de vendas. Ele me cumprimentou e sorriu. O meu patrão. A icterícia não era tão grave. Sorriu e achei ele simpático. Neste dia eu achei. Aquela vez na seção de vendas. Que ele cumprimentou e sorriu.

Quando eu trabalhava lá, tinha seus dias de azedo. Coisa normal, igual todo mundo. Agora que o azedume piorou. Se ele risse do jeito que riu aquela vez, eu desculpava. Mas agora fica sisudo todo dia. E amarelo descorado. Desculpava o mau humor se fosse atencioso. Como nós dias que eu trabalhava na seção de vendas. E ele me cumprimentava às vezes. E sorriu um dia.

Anda muito mau humorado. O patrão. Nos dias de mau humor, amarelece. Então fica amarelo diário.

Desde que voltei das férias está pior. Reassumi e observei. Parece mais nervoso e sem cor. Desde que voltei. É verdade que me perguntou o que fiz da folga. Neste dia ele chegou mais cedo. E não foi reclamando com o pessoal logo de cara. Não estava muito amarelo não. Da vez que entrou bem humorado. A cor dele era boa. Aí ele perguntou.

Eu tinha reassumido no caixa, após as férias. Não fui pra seção de vendas. Rotina pros bons funcionários. Fiz da minha parte. Nunca brinquei em serviço, mas agora dei boabeira. Esta diferença foi um azar, ou não era hora de promoção. Atrás do balcão é que sou boa, gosto de argumentar com o freguês. Pra caixa, de certo não dou futuro. Não tenho habilidade com os números não. O resultado tá aí.

Mas como dizia, vinha observando o agravamento do chefe. Vinha observando desde que voltei das férias. Aí ele chegou diferente aquela manhã. Foi a primeira vez que o vi alegre depois da minha volta. E perguntou como foram as férias. Tinham acabado fazia mais de semana, e foi me ver nessa hora. Tomou fé da minha presença mais de uma semana depois. Foi no dia que entrou sem reclamar de cara. Ele não estava regulando bem.

Mas neste dia era outro. Até simpático o homem estava. E viu que eu já estava trabalhando de novo. Chegou alegre e mais cedo. Pensei, a cara amarrada é passageira, vai ser como antes. Igual na seção de vendas. Lá ele cumprimentava a gente e batia uns dedos de prosa com o gerente. E fazia umas brincadeiras com a Cota. Cota é a gordinha da seção de perfumaria. Ele pilheriava com ela, e ela fica vermelha.

Com o pessoal aqui do escritório, é diferente. Ele é muito diferente com este pessoal aqui. Uma pessoa pode ser duas, no modo de ser. Isto eu estou descobrindo. Porque ele aqui é outra pessoa. De certo, porque é o responsável direto. Não é como na loja que tem o gerente pra quebrar os galhos. No escritório ele fica à frente de tudo, dá notícia de tudo. Todo mundo é um tal de perguntar e consultar o tempo inteiro. Até eu, quantas vezes já não fui procurá-lo? Ele é diferente com esta turma. Está cheio destas caras. Por isto age de outro modo. Com esta gente aqui do escritório.

Neste caixa geral, mudou comigo. Nunca mais foi como antes. Menos quando chegou mais cedo e alegre. Na vez que me perguntou das férias. Como eu tinha passado elas. Naquele dia foi como antes. Ele mandou me chamar, eu fui e ele perguntou. Não foi pergunta de quem pretende apenas ser atencioso não. Ele estava mesmo interessado. Sei pelo jeito que perguntou.

Respondi que ajudei minha mãe nas costuras. Ele não sabia que ela costura pra fora. Aí ficou sabendo, porque eu contei que tinha ajudado. Aquele é um mês que ela recebe muitas encomendas. Eu falei isto pro patrão. Que ela tem freguesia grande. Então ele quis saber se não costumo viajar. Imagine você, viajar. Coitada de mim, nesta pindaíba que vivo. Mas isto eu só pensei, quando perguntou. Pra responder eu abanei a cabeça. Abanei que não.

Aconteceu duas vezes. Isso dele me chamar à sua sala. Ele me chamou por causa de trabalho e depois ficamos conversando. Das duas vezes. Realmente não estava nada amarelo. Nas duas. Pra dizer a verdade, achei-o simpático. Se não fica em crise de icterícia, é simpático.

Contei que tinha feito uns exercícios literários também. Nem sei porque falei. Não costumo falar disto com ninguém. Só Gui. De certo foi a simpatia dele, me pôs à vontade. Daí falei dos exercícios. Falei que fiz eles e meu chefe prestou atenção. Mas não falava disto com ninguém a não ser o Gui. Sobre os exercícios eu não falava.

Pra você ver como são as coisas. A gente convive diário com as pessoas e não conhece. Tudo falta de diálogo. Foi conversar e saber coisas dele. O patrão curte literatura. Pra você ver. Com o amarelão todo e a verruga, ele gosta de ler. E tem mais, a dele é arte, arte em geral. Falou isto e corou.

Eu disse dos exercícios, uns treinos bobos, e descobro o Brasil.

O patrão se entusiasmou, falou até na influência mercantil que certos autores assimilam e chegam a mudar o estilo pra atingir o mercado. Ele é contra isto, a mercantilização da arte. E é a favor da criação não acadêmica. Ele disse

e ficou meio sem graça. Acho que é um tímido. Revelou-se, tirou a máscara de chefão. Depois pareceu envergonhado. Pra você ver. De uma cronista amadora. Eu.

Mencionei os exercícios e ele teve um assim como sobressalto. Não entendi se era agrado ou desagrado. Costuma acontecer comigo. Eu não saber interpretar atitudes do interlocutor. Fiquei duvidando se era de agrado ou não. Depois entendi, era agrado. Na hora que desejou vê-los. Era uma reação de surpresa agradável. Mas acabei não mostrando. Também, não falou mais disto. Até me arrependi de ter contado. Sobre os exercícios. Ele é um homem culto. Fiquei sem lugar pras mãos, acho que dei bofeira.

Mas valeu. O nosso papo. Foi um momento legal aquele. O icterico tem palestra boa. Das que a gente acha lá uma vez ou outra. Naquele dia que ele me perguntou sobre as férias, fiquei sabendo. Conversa de encher as medidas da massa cinzenta. A dele (conversa). Injeção de cultura, sacolejão na cuca. Foi bom de fato, sem exagero.

A gente estava na maior animação quando Da. Lacy chegou. Dona Lacy é a secretária dele. Ela estava resolvendo um assunto na filial. Entrou e foi água na fervura. Amareleceu de novo, o patrão. Na hora que ela voltou. Dispensou-me com um seco até logo, Dona Marilda. Fui meio grilada pro meu lugar. Depois esqueci, tratei da obrigação. Ora, tenho responsabilidade. Daí, não entendo esses 30,31 sobrando.

Falei do Gui pra ele. Gui é meu noivo. O nome dele é Guido, mas falo Gui. Isso foi outro dia. Da outra vez que ele me cumprimentou depois das férias. E mandou me chamar. Porque ele me chamou só duas vezes. Se entro lá, é porque vejo que precisa. Aí não espero ele chamar. Vou e resolvo. Mas duas vezes ele chamou. Falei do Gui a segunda vez que fui chamada. Ele ouviu atento, fez perguntas. Eu estava meio chateada e desabafei. Sabe como é. Eu querendo falar e o patrão encorajando. Certas coisas a gente não fala pra família. Principalmente pra família. Às vezes um estranho é melhor ouvinte. Ele foi um bom. E eu falei certas coisas.

À noite perdi o sono. Senti a culpa, a consciência avisou. Fui indiscreta. O patrão deu asa e eu voei. Na hora foi

bom, um desabafo. Depois perdi o sono. Por causa de ter contado certas coisas.

A atitude do homem mudou daí em diante. Quem conversa pelos cotovelos, não tem papas na língua, gelo nele. Se o chefe já era arredio, piorou pra cachorro. Ele se fechou mais ainda, me evitando abertamente. O chefe. Depois das confidências sobre o Gui. Para eu aprender, né. Fala comigo só o estritamente necessário. Quando preciso ir lá na sala dele. Porque bom dia e boa tarde, este é que não tem de jeito nenhum. Polido, mas distante e exigente. Manda as ordens pela secretária. A Dona Lacy. Só se não tem jeito, me dirige a palavra. Eu me abri e ele se fechou. Se trancou feito cadeado sem chave.

E hoje deu esta diferença boba. Eu, mais boba ainda, fui bancar a funcionária caxias. Falei passaram 30,31. Ele me olhou severo. Falou que é uma coisa muito séria. Não pode. A diferença tem de ser localizada, custe o que custar. Com pena de eu passar da hora de sair. Não é possível iniciar o movimento de amanhã assim. Na firma nunca aconteceu. Uma diferença não ser encontrada. Se for preciso, me ajuda. Mas só considerando a fase de aprendiz. Senão passava para um contador e me indenizava.

Sou aprendiz coisa nenhuma. Estou no caixa desde que terminaram as férias. Isto vai pra quase três meses. Reassumi, mas não foi na seção de vendas. Vim aqui pro caixa geral. Acontece com os bons funcionários e sei meu dever. Não tem explicação lógica esta diferença. Bem feito. Da próxima vez nada de caxiagem. Se houver uma próxima vez, pois o ictérico tá zangadão que só ele.

Pensa que me faz favor. Tive pra jogar a diferença naquela cara amarela. Jogava e safa pra não voltar. Sem querer nem o que é meu. Mas não estou em condições de fazer destas gracinhas. Depois, não recebi este tipo de educação. Parecida com a dele, não recebi. O grosso. Tive vontade, mas acabei mesmo foi chorando no banheiro.

Vão bater seis horas e o ictérico não me despacha. também é demais. Abuso fora do limite. Disse vamos procurá-la (a diferença) após meu expediente, e não dá as

caras. Todo mundo já saiu e ele trancado aí. Faz o que, Deus? De certo, as minhas contas. A secretária eu sondei, não sabe de nada. Vai me despedir e ela não sabe. Sádico. Faz os cálculos do próprio punho. Nem pra secretária falou que vai me mandar embora. Assim goza mais a humilhação. Que me importa, emprego tá assim, às pencas. Mas que diabo de tão mal eu fiz? O homem parece que me odeia agora. Desde que estou no caixa. Menos aquelas duas vezes. Quando fui à sala dele e Dona Lacy não estava. Juntos dos outros é sisudo. Foi legal mesmo, apenas duas vezes.

Ah, mas se entra uma bolada, não é má pedida. Resolvo um monte de coisas. Saio do buraco das prestações, acabo de comprar o enxoval. Com a grana da indenização. Com certeza vai me despedir. É implicância crônica. Igual a doença. O homem tomou antipatia de mim. E nem sei bem porque. Foi simpático duas vezes depois das férias. E ficou assim. Se julga que vou mendigar o emprego, engana-se redondamente. Peço nada, vai ver. Quer despedir, despeça pagando, não tem importância.

Afinal abriu a porta. Lá vou eu cordeirinha, e os duendes me guardem. Sento-me aqui na cadeira perto da mesa. Deixe eu ver aquelas anotações ali em cima. Andou calculando, não falei? Quanto será que . . . não dá pra entender daqui. Mas não aceito embromação. O ictérico que se guarde. Justiça do trabalho em cima dele, se quiser bancar o sabido.

Ué . . . olha gozado pra mim. Puxa, de certo entendeu o que estou imaginando. Chato isso. Me safar desta com elegância é o melhor. Ah não, ele está é rindo? Parece. É, está rindo sim. Essa não, meu. Gozação pra cima de mim, não. Palhaço é no picadeiro, viu. Saboreando a cena final, né. O epílogo tragicômico. O sádico se diverte às minhas custas. Ele está rindo, o ictérico.

Nossa, quer que eu relaxe, estou tensa. Tensa uma ova, isto eu chamo lélé. Lélé da cuca. Estou é zonza, com dor de cabeça nervosa. Seu besta.

Ouvi mal ou disse que está tudo bem. Pra ele. Comigo é a pior. Vou perder o emprego por causa duma pechincha de

30,31. Logo agora que tinha sido promovida. Espera aí, vai esquecer a diferença? Me deixa nesta agonia e depois vai esquecer? Não obrigada, agora o senhor não vai esquecer não. Desaforo. Nós vamos trabalhar bonitinhos. Conforme as ordens que recebi. Sim senhor, trabalhar. Não sou mulher de bobo da corte não, viu. Me consumi agoniada e diz que está tudo bem. Ora veja.

Ah, esqueceu outra coisa. Agora é o Dona. Sou Marilda, só. Ou fiquei surda. Lelé da cuca e surda. Estou ruinzinha mesmo. Marilda. Ele repete Marilda, de pé. Sem o dona. O patrão ficou de pé e está me chamando de Marilda. Só. Matei a charada. Pra dizer Marilda, não precisa mão no meu ombro. Pra falar meu nome, ninguém precisa me segurar o ombro não. E ele está segurando, depois de esquecer o Dona.

Espera aí, patrãozinho, há um engano aqui.

Não tem engano. Está apertando meu ombro pra falar que não tem engano nenhum. Calma lá doutor, eu não . . . hum, cheiro bom de loção. O cara se barbeou. Eu boboca de plantão e ele se pavoneia. Quebro a cabeça com a porcaria da diferença e o patrão faz a barba. Como se não tivesse dito que a gente ia dar duro pra achar o erro. Onde os 30,31 estão demais, porque passou isto no caixa de hoje. Eu sozinha não encontrei nada. E ele disse que ia me ajudar após o expediente. Que é preciso encontrar o erro pra poder começar o movimento de amanhã. E que, nesta firma um negócio assim nunca houve, Dona Marilda.

E agora ele diz que . . . meu Deus, quê que ele está dizendo?!

Não gente, é a tonteira, só pode. Fiquei tonta de tanto lutar com as contas e não ouço direito. Este zumbido . . . é isso, deve ser.

Espera aí patrão, o que é mesmo? Ah, está apaixonado . . . está apaixonado por mim! É isto que ele tá dizendo sim. Não tem dúvida não, gamou em mim. O icterico tá gamado, vê se pode. Põe as duas mãos nos meus ombros pra dizer. Que tá mesmo apaixonado. Nós vamos trabalhar em

cima da diferença e ele me chamou Marilda, sem O Dona. E falou eu te amo. Queria me tirar da idéia e não deu. Bem que tentou. Não é coisa de rapazinho. Nesta idade é sério. A do lobo.

Está se declarando e me pede calma. Como pode? Garante que tentou me tirar da cabeça, repete. Fala com as duas mãos nos meus ombros. Pede calma e diz que sabe tudo de mim. As reações, necessidades materiais e emocionais. Desculpas, mas investigou. Gamou ainda na seção de vendas. Aquele tempo que era atencioso e que depois mudou o jeito. Quando eu vim aqui pro escritório.

Por que penso que fui promovida? Sem pleitear, por quê?

E, porque eu nunca pedi nada. Se voltei das férias e reassumi no caixa, foi por merecimento. Sei de minha responsabilidade e não brinco em serviço. Daí fico butina da vida, com esta diferença.

Pois foi ele, diz. Está apaixonado, me investigou e promoveu. Pra perto dele. O homem é fogo, gente!

Diz que às mulheres comuns, basta o amor de útero e estômago. Sexo e estabilidade bastam pra elas. Há as que amam com o estômago. Outras, com o útero. Algumas com os dois. Mas eu sou especial. (Ele tem bons dentes). Sou destas mulheres cerebrais que necessitam amar com o cérebro também. Ou se frustram.

Nós íamos procurar a diferença e ele se declara gamado numa quase frustrada. Pôs ambas as mãos nos meus ombros, pra dizer que sou mulher de substância, candidata à frustração. Frustrada em potencial. Eu.

Epa, a coisa periga. Presenti isso e quero me defender. Mas ele nem se perturba. Apela para o lado prático da minha personalidade. Para a minha cabeça pensante. Ele me estudou, analisou. Conhece minhas necessidades materiais e emocionais. Já solucionei meu amor de coração, com a juventude de meu noivo. O chefe fala que já. É o patrão e me analisou. Está apaixonado e é o patrão. Que vai esquecer a diferença.

Diz coisas de mim e Gui. Eu contei, né. Acha que ele satisfaz minha sensibilidade. Mas a estabilidade financeira – amor de estômago, e o intelecto que só anos de pesquisa aprimoram – o amor de cérebro, estes Gui não pode oferecer. Fala isto com as mãos nos meus ombros e me olhando nos olhos. Que não sou mulher de me contentar com fragmentos. E que basta uma palavra minha para . . .

Tem lógica. Sem paixão, acho que tem. Eu tinha pressentido onde ia chegar. Por isto quis me defender, mas ele não se perturbou. Homem objetivo tá aí.

Oferece solução simples e racional. Mas não para a diferença. Não é nela que tá falando. Isto é, a diferença do caixa. A que fomos procurar. Ele diz estas coisas, mas a gente ia era procurar a diferença do caixa. E estamos de pé frente ao outro. E fala é na diferença das pessoas, da psicologia delas, suas condições particulares. Não é na diferença do caixa, nos 30,31.

O que ele propõe é solução pra mim. Do meu problema afetivo, material e emocional. Solução pessoal das minhas diferenças. Saída inteligente. Tenho de admitir que é hábil observador. E só abre o jogo na hora certa. Tem técnica pra convencer também. Diria que é um filósofo. Dos pragmáticos. Caso esta coisa agora não me perturbasse o raciocínio. Eu diria isto se minha cabeça não fosse só a pura confusão.

O patrão e a empregada. O lobo e a filha da costureira.

Não liga que haja Gui, – amor do coração. Desde que sejam preservados seus direitos. De protetor. Teúda e Manteúda. Eu.

Está muito próximo. Cheira cigarro, dos bons. Não é um hálito ruim não. E tem sorriso charmoso. (Eu disse que ele é ictérico?). Repete que me convém. O arranjo. A solução, que não é para a diferença do caixa. Pois na do caixa, ninguém tá pensando mais.

A mão desce pro meu busto. Estou presa no sorriso. Ou no hálito. Ou no perfume de loção. Prendi-me nestas coisas todas e não recuo. Começa abrir minha blusa e não recuo.

Anexo 2: Digitalização do conto “Aviso prévio”

RIBEIRO, Alciene. Aviso prévio. In: _____. **Mulher explícita**. Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Aviso prévio

A mulher diz, aqui estou. Sente-se e espere, o homem responde. É o remédio, patrão. Como assim, ele pergunta. Estou calçada, vivo de espera. É um bom começo. Pois é, conformei. Só mais um pouco, paciência. Não me carece falta dela. Isso pesa a seu favor. O doutor é testemunha. Faço o que posso. Minha vida é penada... Sei disso, mas você queixa demais. E o que mais que a gente pode, doutor. Eu também tenho problemas. O custoso do rico é luxo do pobre, sim senhor. A luta é sempre dura. Me releve o atrevimento, mas não é, não, a labuta do pobre é mais suada. Bobagem, sem cabeça pra pensar, o mundo para. O pobre labuta e o rico embolsa o lucro, é injusto. Questão de espaço social. Como assim, doutor. Deixa. Achei a sentença

bonita. Vindo de você, me surpreende. O doutor é educado nas finezas. Berço, mulher. Tem uns que a vida privilegia. Cabeça ajuda. Sem fortuna o lustro arrefece. Nada... Pode acreditar, não está pra rir, não senhor. Quem é que está rindo. Nenhum não, boca de pobre viciou em choro. Val começar. O arrocho dá nó em sorriso, doutor. Fala mais besta. O senhor pegou num nervoso. Você me irrita. Sem propósito de intenção, doutor. Está bem, basta de chateação. Custa muito ainda. Só eu assinar estes papéis. Está despedindo gente. É só no que vocês pensam, parece complô contra a Empresa. Cruz-credo, só boato aí que. Boataria, você mesma falou. Então ninguém vai pra rua. Depende. Ai Jesus, depende de quê. O seu caso, por exemplo. O quê. A sua menina. Que que tem ela. Me traz problema. Pedi vaga, ninguém deu satisfação, nem o doutor. Não é isso. Meu salário que seja, ajudava. Ela está sempre por aí. Só pra me trazer a marmitta. Notei. Ara veja, o seu doutor. Nada me escapa desta janela. Não estou ciente de portaria proibitória desse particular. Proibição, nos termos, não, mas preocupa. Não atino no porquê, doutor, a coltadinha é acanhada, vergonhosa de nascença. Olha o regulamento interno. Não infringi lei nenhuma, doutor, Deus me livre. Por ora, não. De que malfeito me acusa o senhor, então. Não acusei nada. Deu parecer. Pode

fechar a boca um minuto. Sim senhor, me releve o rompante do desassossego repentino. A coisa é séria. Pelo jeito do senhor doutor, acredito. Sou homem de cautela. Eu sei, deveras. Chamel você aqui, porque confio no seu bom senso. Minha conduta abona a confiança de Vossa Senhoria, pode desabafar. Conto com a sua compreensão. O doutor se abeltra sorratelo, e me assusta o contrário do proceder costumelro de Vossa Senhoria. Confio na sua devoção à Empresa. O rodear não é do vosso feitio, pelo que me registra a lembrança. É um assunto embaraçoso.. O doutor me põe neurastênica. Não precisa exagerar. Estou na escuta. Quantos empregados temos aqui. Ai meu Jesus, a que vem o pessoal agora, doutor. Quantos são lá embaixo. Uns sessenta. Vezes dois. Não atinel. Sessenta vezes dois. O senhor refere à multiplicação de vezes. Quanto é, não sabe fazer conta. Sei sim, doutor, na escola eu era boa de tabuada. Então, quanto. Só um tempo doutor, para eu concentrar. E mantemos aqui uma incompetência dessa. Releve a minha boa vontade, doutor. O que não anula a ignorância, é cento e vinte, mulher. Cento e vinte, doutor.. Pensa, mulher, se na hora do almoço me invadem o pátio cento e vinte mortos de fome. Como assim, doutor, não atino com o dizer de Vossa Senhoria. Logo se vê. Mas estou dispostada frente ao doutor,

uma sua criada. E se cada empregado cismar de pedir marmita, hem, se cada um deles pensar a mesma coisa, hem. Todo mundo, doutor. Seguindo o seu exemplo. O meu exemplo. O seu belo exemplo, sim senhora. Mas não pode, doutor. Você abriu um precedente perigoso, de consequências imprevisíveis. Mas doutor. Se inventam, são cento e vinte, cento e trinta homens no pátio. Não pode, doutor. Escreva, é uma boa ocasião para os agitadores. Agitadores. Esses elementos a serviço de ideologias importadas, a ameaça estrangeira. Minha ideia embaralha um pouco nesse particular. Eles estão atentos à infiltração. Eles quem, doutor, não atino. Quem é que ameaça a nossa liberdade, a nossa democracia, mulher. Sei não, doutor. Quem é que quer todo mundo no cabo da enxada. Comunista, doutor. Os vermelhos, você sabe. Mas não tem perigo, doutor, todo mundo é bola-fria, sofre igual comunista mesmo. Quero ver no dia em que o pessoal se ligar no seu almoço, quente e cheiroso. Cheiroso nada, doutor, só o trivial, comidinha de pobre, sem aroma. Mas quente. É, só o tempo da menina trazer não dá pra esfriar, não. Estou falando. Tem perigo não, patrão. Como não, mulher, quem não quer comida quente. Mas espere, doutor, tudo morador do outro lado, só eu moro cá do côrço, o lote de Vossa Senhoria, mesmo coblçando,

não dá, chega tudo resfriado, que nem a bota deles mesmo. Você não sabe da vida de sessenta homens. Nem tudo, não senhor, Deus me livre de bisbilhotice, mas não terão carregador. Nem precisam, os agitadores profissionais estão de olho. De que jeito, meu Jesus. Marmiteiro é um bom disfarce, é muito perigoso. Como a gente faz, então. Por mim, a menina pode... a questão é administrativa, sabe, os sócios... Sim senhor. Preciso resolver esse impasse, a diretoria já cobrou. Sabia não. Exponho isso a você em primeira mão, em consideração. Agradecida. Há suspeita de infiltração terrorista. Credo em cruz, doutor. Temos exemplos. O senhor não matuta suspeição da minha menina, né doutor. Não, ela não, nem tanto. Arreplei de medo. Com razão, o terror e a subversão andam de braços dados. Ave Maria. A sua marmitta ameaça a nossa segurança. Deus me livre e guarde, doutor. Olhe aqui, confio na sua descrição. Isso engambela um pouco. Nossa conversa não pode transpirar, definitivamente. Sim senhor. Se descobrem que detectamos o golpe armado na clandestinidade, a defesa aborta. Mas então a cisma procede. Temos provas de que a ação dos agitadores fermenta na obscuridade. Deus nos livre e guarde. Você pode colaborar. Acho que tenho uma saída, doutor. Mas que eficiência. O senhor me dá alvará de sair no

almoço. Ah não, tem de fiscalizar o pessoal, golpes que ficaram na história tiveram embrião na calada da sesta. O que que foi, doutor. A hora do almoço é um foco de subversão. Quem sabe então um outro elemento, tem uns aí tão antigos feito eu. Ninguém merece, igual a você, a minha confiança. Eu, doutor. Você sabe muito bem. Ah, doutor, assim me avexa. Bobagem, vergonha de quê. O senhor nunca fala daquilo, me pegou de traição. Não estou falando daquilo, não, mulher, aquilo é assunto acabado. Me releve a precipitação da ideia, tudo o dito assim, de uma vez. Esqueça. O senhor manda, mas. Mas o quê. Não atino no empenho de eu aqui no intervalo, o que que eu posso contra revolta. Me tranquiliza você aí. Ainda mais, o senhor vê, depois daquilo declarado assunto caducado. Tem um contrato de trabalho. Mas doutor. Tem ou não tem. Tem, sim senhor. Então não espelche a conversa. Pensei que... Você pensa demais. O doutor continua pegado no nervoso. Por acaso é impedida de descansar no intervalo. Não senhor, quanto a isso não arrenego a minha sorte. Você tem topete, se dou a mão, quer o pé também. Cruz-credo, doutor, não sou mal-agradecida não. É o que veremos. Se assenhere dos meus préstimos, sim senhor. Então está falado, sair no intervalo não dá.

Não atino com o que é bom para Vossa Senhora. O que é bom pra mim não, o que é bom para a Empresa. Não atino, não senhor. A menina no pátio abre um precedente na ordem, na rotina. Mas o pessoal nem repara nela, doutor, é sirene tocar e todo mundo busca um canto pra engolir a bola e tirar a soneca na sobra do tempo. Mais dia, menos dia, eles repararam, ela é graciosa. Será, doutor, tão mal vestidinha. Você é boba, mulher, trapo nenhum esconde as formas, ela cresceu. O doutor reparou. Qualquer um vê. Meu coração de mãe envaldece. Está moça, decerto tem namorado. Cadê tempo, doutor, disposição. Imagino. O tom do doutor deixa verter suspeita. Você mesma me pôs a par. Pois é, o senhor deu jeito, o malandro se escafedeu no susto. Não incomodou mais. De jeito nenhum, o doutor amarrou bem o nó. Preví tudo, mas me custou muita dor de cabeça. Mais um favor que credito a Vossa Senhora. Então, e o proceder da menina agora. Ajuizou de tudo, doutor. Não se enrabichou com mais ninguém... A lida cansa ela, nem que quisesse. Não mesmo. De tarde dorme de pé, sonâmbula de sono, madruga na labuta, nem escola estuda, desgostou. Uma pena, tão nova, merece melhor sorte. Destino, doutor. Besteira, o destino a gente move. Qual, descrencel. Basta querer. De que modo, doutor, não repare, sou

rude. Eu sei. O seu doutor me conhece as rudezas desde o outro carnaval. Que modos, mulher. Não falseio testemunho. Não dei essa liberdade. Nem me cobiça o abuso, doutor. Meça as palavras. Quis distrair Vossa Senhoria da azucrinação. Não é por aí. O senhor pegou num desânimo... Os problemas, mulher. Ideia fresca na cabeça é bom adjutório, doutor. Para você parece simples, hem, mulher. Qual o que, doutor, não azucrino coisas da sua alçada, mas tenho reclamos de feltro muito mais feio. Duvido. O de comer e o de vestir, esses não têm os confetos, mas o que dói... Às vezes prefiro esse outro lado. Cruz-credo, doutor, bato na madeira por Vossa Senhoria. Verdade. Mas por quê. Essa pressão. O drama do doutor é deveras, até renega o luxo confortado. Pois é. Troço vexatório. Demasiado. Quem sabe a modéstia da minha pessoa pode dar demão. Não sendo mal-agraçada, pode sim. Fico enleada em prestar adjutório a Vossa Senhoria. Confio na sua dedicação. Já dei testemunho. Sou franco, me conhece, não tome por ofensa. Ofendo não, doutor. Vou direto ao ponto, é a menina. Que coisa, o que acabrunha o senhor é ela, mas nem é comunista. Não é isso, é a hora do almoço. Mas doutor. Ela é bonitinha, os homens, sabe... Respeito ela se dá, doutor. Não depende dela. Que que eu vou fazer, doutor, bota fria tô

proibida, o estômago. Ai está, sua doença, pensa que não ponderar. Minha cruz, doutor. Licença atrás de licença. Só boa vontade não dá saúde, doutor. Tenho sido muito tolerante. Paciente, sim senhor. Elas causam transtorno à Empresa. Sei, sim senhor. Na hora do almoço, então, é uma lástima. Tomei ciência não. Até perdi o hábito de almoçar com a família, fico aqui. Atente, sim senhor, mas não é de agora que... Vou fingir que não ouvi. O senhor me desculpa. Falo da sua saúde. A perrengueza melhorou, sim senhor. Mas as licenças continuam. Por causa da dieta, sim senhor. Primeiro a saúde, está certo. Benza Deus, o doutor é caridoso, alma boa. Tenha isso em consideração. Ai de mim se não fosse o senhor, um pai. Ei, deboche não, mulher. Num debocho, não senhor, é justiça justiça. Faço o máximo por você e a sua família, mais até do que o dever. Não atenei bem, doutor. Acho que agora é a sua vez. Já me dispensei nesse prevaletimento, sim senhor. Nesta humildade, parece sempre cobrar. Que isso, doutor, nunca exigi nada. Nem pode, já aturei até desaforo por sua causa. Não por minha vontade, doutor. Suas faltas dão prejuízo à Empresa. Deveras eu sinto, na modéstia do meu saber. E nem se incomoda. Concluo até onde a ideia vai, mas o cristão dependente faz véspera na dependência, um medo cá no peito, doutor.

Sua insegurança prova que tem consciência do meu sacrifício. Declaro e torno. Sabe da sua precária situação na Empresa. Sei, e queira Deus que eu mostre o consentido dever para com a sua pessoa. Chegou a hora. Deveras doutor, sou reconhecida e lembro de Vossa Senhoria na oração. Me comove muito. Rezo devota na sua paz. Depende muito de você essa paz. Sou uma sua criada. É antiga aqui, de confiança. Graças a Deus. Tem responsabilidades. Eu impus o respeito, até barbado me engambela, sim senhor. Se sai, o equilíbrio é abalado. Não atinei, doutor. Se você nos deixar. Pelo amor de Deus, como assim. Calma, posso ser obrigado, pelas circunstâncias, e quero a sua compreensão. Será possível, estou despedida. Não, ainda não. O senhor tem coragem de fazer isso comigo. Há pendências a discutir, condições. E ainda tem esse negócio de condição comigo, doutor, depois de tudo, tem condição. Lela este papel. Não posso acreditar. Calma, lela o papel. Não posso, as vistas embaraçam tudo, o corpo é só tremura, olha. Por favor... Não adianta me embromar, estou na rua. Lela isso aí, mulher. Depois desse tempo todo, não pode. Fale baixo. A minha dedicação pra que serviu, minha Mãe. Não grite, eu explico. Eu sou importante aqui, o senhor testemunhou ainda agora, o almoço do pessoal, o respeito à moral, os comunistas.

Cala a boca, que eu explico. Se é por causa das licenças amído, eu paro com o tratamento, doutor, sabe, melhorei, não sarei, mas a cruz manelrou, estou quase curada, Vossa Senhoria pode perguntar lá no ambulatório. Não é nada disso, mulher. Então por que, doutor, uma empregada felto eu, cumpridora da obrigação e sem atrevimento na hora de reclamar o devido por direito, uma que olha em primeiro de antes o melhor da Empresa, e em segundo e último, o de seu. Cala a boca, poxa, olha o escândalo. Na minha idade não vou achar outra colocação, doutor. Psiu... Baixa a voz. Vossa Senhoria sabe quantos anos da minha vida enterrei aqui, hem, por acaso o doutor sabe o que sinonima tempo de mulher. Ah não, papo de feminista mal-amada, comigo, não. Uma cadela, viu, fui uma cadela, uma cadela que lambeu a mão do doutor. Fecha a matraca, velha idiota. Não, doutor, nunca reclamei, mas agora é abuso, a língua está comichando. Silêncio, olha lá o que fala. Ameaça não, doutor, não tenho o que perder. Você é burra, uma estúpida. Estúpida, é esta a palavra, garrei noite em claro, pelejando pra lembrar, e a diaba não brotava na ideia, foi "estúpida" o xingo que o doutor falou quando me proibiu de entrar nesta sala. Aquilo passou, morreu. Pra mim não, doutor, quero arrancar a mágoa que guardei cá dentro. Está morto e

enterrado. Não está não, doutor, está vivinho na Idela, e no corpo onde a vergonha dorme, sou pobre sim senhor, mas o cofre do avexamento está derramando. Vai tirar defunto da cova. Vou, me despachou, agora vomito tudo que rumei esse tempo com o ardido da vergonha, o sal do desprezo, o amargo da dor e o fel da ingratidão. Ah, meu Deus. Nunca exigi nada da augusta pessoa de Vossa Senhoria, exijo agora a penitência de escutar tudo, senão apronto aqui, e o pessoal lá embaixo vai saber do dito e acontecido nos segredos desta Empresa, que suga o nosso suor, a nossa mocidade e a nossa saúde. Eu ainda não acabei e... E eu estou só nos iniciais primeiros, doutor, porque se me acabei nas parecenças de mulher bonita cheia de ilusão, o orgulho não acabou, não senhor. Deixa eu falar, mulher. Só mais uma coisa, doutor, o senhor não acabou feito eu, é o mesmo que conheci, e que tirou proveito enquanto a boba aqui era nova; fui bonita, doutor, o senhor é prova de que não falsei testemunho. Chega. Agora, doutor, ser mulher sem homem na beirada da cama não me delata defeito, não senhor. Basta disso, mulher. Disso o que, ser largada do par legítimo nunca me corou a face não, o que tinge ela é a ciência do uso que o patrão fez de mim enquanto a carne riça, e o desprezo trazido no lombo dos anos. Cala a boca.

Pelanca e ruga vexa o doutor, mas pra mim é respeito. Eu te bato. Então bate, doutor, no primeiro tapa eu apronto aqui, bate. Sua clínica. O medo sopitou de mim, o de ser, será. Ah, desisto, fala então, grita, explode, o escambau. Só ponho os podres pra fora e testemunho a humilhação de mulher usada pelo patrão na surdina, sem um chocho obrigado. E a ajuda que dei o tempo todo. Dinheiro não apaga isso, doutor. Aquilo foi uma fraqueza. Fraqueza que o doutor gostou e repetiu. Você perdeu mesmo todo o brío. Relatar o deveras acontecido não carece de pano quente, testemunho e torno, gostou e repetiu, alcaguetado no silêncio, Vossa Senhoria tem registro. Muita pretensão sua, esqueci tudo. Pois então eu avivo a vossa lembrança, um homem carece de saber do sentido por mulher usada e abusada, o que que eu fui na mão do doutor, declaro e firmo. Não interessa. Aí que o senhor erra no dizer, a educação do berço não abona a fala desta boca de mal com carinho, o mais que eu tinha a declarar em confissão tardia, hoje. Você é uma velha ridícula e atrevida. Sei, doutor, doze anos é tempo demais pra quem dá um murro danado, estraga a gente. Então ponha-se no seu lugar, olhe-se no espelho. Não carece cisma não, doutor, que horror, não engambelo ilusão nenhuma, o senhor conservado, bonito, aí de mim se maldisse o certo,

ainda mais que a carne nem me atrai mais, de jeito nenhum, já pequei o meu legado. Então basta de palhaçada. Basta mesmo, pode me dar as contas. Coisa horrível, um teatro mam-bembe dos mais ordinários. Eu tinha que desabafar. Esperou a brecha e me jogou a frustração na cara. A hora ia cansar de protelar, fiz véspera na calma dos humildes, com fé na justiça. Justiça com as próprias mãos. Nada doutor, com a boca, a fala me basta. Mande vir água e café, dor de cabeça. A minha também. Mas se tirou um peso dela. A do senhor protela pesada. Não com suas bobagens. Se vou embora, tudo fica nos conformes. Você se acha muito importante. Foi o que o patrão deu parecer. Está mais calma. Conformada, mágoa curtida arruína o sangue, eu tinha de purificar ele. Me desafiou. O senhor não atina com o que vai nos meus segredos, só eu sei, doutor, só eu. Agora amansou. O doutor está me avexando. Foi engraçado. Vai caçoar de mim. Que que você vai fazer agora. Saio daqui na mesma linha com que procedi depois daquilo, já joguei na cara de Vossa Senhoria, com o alvará da palavra, tudo o que a vida me creditou. Pensa que tenho medo de você. Não senhor, não dei tal parecer, não rumino vingança. Sei, mas o que que você vai fazer. Não assentei a cabeça ainda, vou pensar, mas me viro, de fome ninguém morre, não

senhor. Continua orgulhosa, doente, na sua idade, estragada, arrimo de família, e vai se virar. Pode acreditar que vou. Besteira, mulher, você darla boa atriz. As contas, doutor, num repente me deu pressa, cancel. Espere aí. O doutor vai cobrar a revanche. Bem que eu podia. Exaltei, mas tire o desconto, doutor, esse tempo todo amarguei a fala no pelto. Não quero desforra, não. O doutor já desforrou antecipado. Como assim. Me bota na rua, vingança maior não existe. Hora nenhuma falei coisa parecida com demissão. Ah, que agonia, doutor, não julda mais não. Você não se deu ao trabalho de ler o papel. A vista embaralhou em catarata. É um acordo particular. Mas que diabo de acordo é esse, doutor, não me despediu. Já disse, não falei isso. Ah, doutor, não brinca comigo não. Olhe bem pra minha cara, mulher. Não tenho saúde pra um revertério desse, não senhor. Nem eu paciência, ô dia. Que rato de acordo é esse. Um acordo particular entre as partes, eu e você. Me confundi de vez. Não é analfabeta, leia isso. O senhor quase me mata bem matado. Você não tem onde cair morta. O doutor é cliente da minha penúria. Então não se faça de besta, precisa do meu amparo, sabe muito bem que sou eu que seguro você na Empresa. Não aprendi outro ofício não senhor, e careço de idade para aprendizado novo. Você comeu

e vestiu, a metade da sua vida, graças a nós, e só por mim seus filhos não passaram fome. Abono essa fala, sim senhor. Mas me ofendeu. Meu dizer carece de maior clareza. Não mediu palavras. O senhor tire o desconto do descontrole. Falemos das condições. O que que exige de mim este papel. Nada impossível, se a sua burrice não subir à cabeça. Eu cumpro a lei dita nele, e prorrogo debaixo do seu amparo. Até o fim, e os seus filhos menores também. Se não é o impossível, está assente aí o possível. Nenhum sacrifício. Benza Deus, doutor. É a menina, quero resolver isso agora. Eu me disponho ao vosso desejo. Ela não pode ser mau exemplo para os outros. Sim senhor. Vista no pátio, de jeito nenhum. Mas o patrão já deixou assente que não posso sair na hora da bola. Última palavra. No anterior eu não podia, o doutor sabe porquê, agora não atino com a razão obrigatória, e me avexa indagar. O motivo não entra no mérito, preciso de você aqui o turno integral. Doutor, releve a ignorância, será que a lei não prescreve restaurante em empresa deste porte. Não chamei você para discutir a legislação. Pensei, e creche também. Quer ou não quer o seu lugar. Quero sim, doutor. Já tenho outra em vista, caso decida nos deixar. Cumpro o exigido, sim senhor. A menina não pode ser vista. Acato o seu pensar. Ela entra pela frente, na recepção.

Mas o porteiro, doutor. É pessoa da minha absoluta confiança, você recebe ela lá, e almoça na sala ao lado. Que luxo, doutor, aquela privativa da Diretoria, a do descanso. Você toma suco do frígobar e café da máquina... Tem certeza, patrão, posso mesmo. Pode, você sabe, na hora do almoço só eu fico, ninguém vai tirar a sua liberdade. Aí posso mastigar bem, comer devagar, conforme o médico mandou. Gosta de almoçar lá. Um privilégio, doutor, tem mesa, boto a marmitta emriba. Você come sossegada, e a menina sobe aqui. Como é, patrão, não atinel. Sabe, para evitar indiscrição. O que que o senhor disse declarado, doutor. Minha sala é mais agradável, uma bonita vista, ela descansa um pouco antes de voltar. O que, doutor. Ouviu muito bem. Mas será que o ouvido escutou direlto. Você é ladina. Minha idela labuta, e o coração se sopita em baque. Não vamos complicar as coisas, você não é boba. Mas, o senhor... A conversa vai espichar de novo. Pensei que o tempo tinha mudado o doutor. O que está em julgamento é o seu emprego, não eu. Tem dó, homem de Deus. Ainda diz que pode se virar, um caco, você. A tal condição. É pegar ou largar. Vossa Senhoria arma bem o laço, em primeiro me esgota o brío, me faz de trapo, pra no depois dar o bote, igual cobra encantando passarinho.

Chega de drama. Como tem coragem de fazer isso comigo. Que dia. Ela é tão nova, doutor. Moça, não é mais. O tempo todo o patrão de olho, cobitçoso. Val ou não val assinar. É uma troca o que Vossa Senhoria alcunha condição. Isso é irrelevante. O apelido disso é chantage. Pelo amor de Deus, mulher. Se eu tenho vergonha na cara vou direto ao Delegado, a lei professa de sedução o que o doutor se assanha em consumir. Pois vá, mando o motorista levar, é a minha palavra contra a sua, sedução, ora, tenho mais o que fazer. A menina é de menor. Dê parte à polícia, sua vergonha exige. Vergonha tenho, sim senhor, mas a burrice acusada por Vossa Senhoria, sustenta o saber de que pobre leva tinta em disputa de lei com rico, os códigos nos conformes das conveniências dos grandes. Prova que tem bom senso. Por que a minha menina, tem tanta aí, da fina flor, escolada em colégio de freiras. Ora, isso. Cottadinha, uma ignorante nas artes de cafuné, no agrado do parceliro. Conversa ridícula. Sou a mãe, ela há de me puxar nos defeitos de nascença, no desajeito que o doutor arrenegou em primeiro de antes. Desembucha logo o que interessa. O patrão me dá um tempo pra pensar. Tempo nenhum, é pegar ou largar. O coração do senhor endurece com prole alheia, nem parece que a legítima deu cria. Nada a ver uma coisa com a

outra, e proíbo você de falar dos meus filhos. Aos seus, tudo, aos do outro... Ah, não aguento nem um minuto mais. Espia a dor nas entranhas de uma mãe que gerou o objeto de seu desejo pagão. Que ladainha mais besta, mulher. O doutor não é mãe para atinar com o meu desaponto. Chega. Aproveita da minha sujeição a Vossa Senhoria. Aproveito de droga nenhuma, quero ela, e pronto. A justiça a um tempo chega, nesta ou noutra vida. Ameaça. Estou deveras abobada com o proposto. Lei da vida. Sem-vergonhice não entra na lei urdida por doutor que nem o senhor. Olha o respeito, sou seu chefe. É traição em demasia. Francamente, não sei o que que você esperava. O patrão quer a minha menina. Cismoso agora. Posso ser de um tudo, nada me sobrita de espanto maior. Então chega de fita, a caneta, aqui. Este papel me compromete a dar ela ao senhor. E garante sua tranquilidade até morrer. A menina fica ao dispor dos caprichos de Vossa Senhoria. No fundo, era o que você queria, me oferecendo ela o tempo todo. Ave Maria, cruz-credo. Não engoli esta história de dieta, seu olho brilhou quando falei da beleza dela. Deus me perdoe. Você pensou bem no arranjo, leva vantagem também. Arre nego o meu luxo em troca da honra da menina. Honra, isso não se usa mais, não. Será que pus ela no mundo pra ser regalo

de algum coronel. Só me faltava essa, coronel. É, teñida e manteñida de um ricaço. Sorte dela, a oferta é menor do que a procura. A sorte ou a desgraça. Você acabada, ela será explorada por algum malandro, pensa, penca de filhos, varizes, desdentada. Banguela não, Deus me livre, que horror, basta eu. Garanto o futuro dela. Ampara. Mas é claro. Confundi demais pra atinar com as profundezas na mente do doutor. Pensei em tudo. Que bem põe no nome da menina. Você é ladina, hem. A sorte foi lançada no pano verde. Tem que ser no disfarce, sabe como é, a patroa. Do verniz lustrado e vívido na Europa o doutor não abre mão. Coisa minha, nada a ver com nosso trato. Eu sabia o dizer de Vossa Senhoria nesse particular. Você entende. Quero tudo preto no branco. Tem um terreno, o papel fala, ponho no nominho dela. Onde fica. Nos altos aqui do lado, sítio de valorização. Faz uma casinha. Ai eu quero um tempo, vai depender mais dela, e de você também. Não atino com a causa de tal dependência. Se andarem na linha comigo, claro. Quer experimentar a menina primeiro, né. Não nasci ontem, mas já tiro vocês do barracão. O senhor atropela o pensar, me confunde tudo. Me deve favores. O preço cobrado é caro. Se não for eu, vai ser um estranho que pode torturar, bater, um dia mata. Deus me livre e guarde. Exemplo tem

todo dia. A sorte dela me tira o sono, uma gastura. Então. O arranjo é bom para Vossa Senhoria. E para você, com toda aquela tropa de mentiro entupido de vermes. O estômago rebole, é isso o tal ódio. Ódio é luxo que você não pode arcar. Será que o senhor é o que está com a verdade deveras ou com o falso consentido. Eu sei das coisas, mulher. Se alardeia com dona sem arrimo de homem. Você só fala bobagem. Quero ver a intenção do propósito. Logo aberto, não prometo o que não posso cumprir. Maturo é se ela, a presa do entrevero, quer o ofertório. Não tem querer, é menor. Se no que vem, me joga que alcovitei ela pro patrão. Não vai, sei contornar. Me arrecolo do confronto. Palavra, garanto a harmonia entre vocês. Quero ver com o correr do tempo na folhinha, doutor. Ainda me agradece. O senhor leva lucro de lambuja na troca do velho pelo novo. Lei da vida, você sabe, mas escute bem, não estou trocando nada, há quanto tempo nós não... Coisa de doze anos. Mais, e nunca mais, em hipótese alguma, me toque no assunto, morreu, cuidado com isso. Já esqueci, sim senhor. A menina, então, nem pode sonhar. Cruz-credo, doutor, eu morria de puro avexamento. Ah se você me abre a boca, mulher. Pela alma de minha mãe, te esconjuro língua de trapo. Se você falar, a menina sofre as consequências. O senhor me dá medo. Não

quero dúvida quanto a isso. Não carece cisma. Então assina. O senhor vai ser bom para a menina. Se andarem direitas comigo, não quero amizade dela com rapaz, e você cuida disso. Sei, sim senhor, mas me aperta o peito o susto dela, que tem Vossa Senhoria no respeito de um pai. Vou me chegar com cautela, pode deixar. Mas ainda não falei tudo não, doutor. Ora, que que é, hem. Só uma breve admoestação, reles bobagem. O quê. O senhor vai engambelar ela. Não entendi. Fazer a coisa só não, sabe, a coisa, vai prevalecer no costume de indagar dela também, acarinhar – acarinhar como a uma filha... Ah, deixa comigo.

Anexo 3: Digitalização do conto “Ave Maria das Graças Santos”

RIBEIRO, Alciene. Ave Maria das Graças Santos. In: _____. **Mulher explícita.** Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Ave Maria das Graças Santos

Na primeira facada, Maria nem sentiu dor, susto maior da tração do homem, saído de repente do silêncio. Depois, concentrada no sugar faminto do filho, magoando o seio murcho, leite ralo sem recurso de substituição. Tanta coisa na cabeça... Difícil presenciar o sarrateiro da cena armada no escuro.

Até o ruído estranho, na porta do fundo, empurrou de lado, tal o cuidado com o dia seguinte, a labuta de hoje, ontem e sempre.

Na segunda, a dor física já doendo, porém menos do que a outra, o impossível crer: atrás do baque fino do aço furando, a mão do seu homem sumido um mês. A mesma que acariciou, agora murro fechado no cabo da faca.

Mas, minha Nossa Senhora da Aparecida, como pode ele, o pai de seus filhos, de

tanta alegria, noivado, casamento, lençol de virgem!

Na terceira, aquilo de filho entrou nela de mistura com a lâmina fria. Os meninos ali, esperando o caçula mamar, quietinhos, de prêmio, o mexido requeentado na panela proibida até o poder da mãe. A ideia dos quatro diante do pai com tanto ódio, e a mãe com tanta culpa - pois castigo assim carece culpa muito grave; esse devaneio não deixa os três buracos na pele morena doerem como o natural.

Na quarta, Maria quis esconder do perigo o choro do bebê, e isso enganou um pouco aquela dor nunca experimentada. E, no que joga mais que antinha o filho de lado, entende a derrota na luta que nem começou, ou tempo teve de tramar defesa.

Com o último arremesso da mão armada, identifica a ação do agressor no ventre, ninho das sementes dela. E não atina com o porquê da nativa dirigida ao mais sagrado de si, onde seu homem, agora verdugo, executa violência, enquanto antes despejara amor. E tomba devagar, num grito lancinante, alto como o desespero de ir forçada, largar os meninos sem o jantar, a fome curtida, quem sabe até depois do enterro, e se alma caridosa se apiedar.

Os quatro primeiros golpes, recebeu calada, um flapo aqui, outro ali, do real

emboiado na surpresa, uma urgência de aniquillar. Nem teve como protestar, a mordida da dor sem lugar, mais forte que a das feridas.

Na última, a repugnância ao clarear do ractocínio. Vomitou o espanto numa golfada de sangue e baba - porque amou, não passou procuração de vida. Mas como explicar debaixo do braço justiciero, senhor todo-poderoso do seu agir? E a revolta, confundida com impotência, explodiu num berro de fera parida. Um *NÃO!* abalou a cumeira do rancho e fez hesitar a mão assassina.

Então, a vez do homem deparar com o imprevisto: - *Essa não é a Maria que conheço.*

Porém, *consumatum est*. A consciência flutua de qualquer modo do corpo moço, por via de cinco, dez ou treze furos. A morte tomou sua face no segundo assalto. Corte de raspão, mas o rosto do facínora, revelado, falou aos centros vitais. E ela se soube condenada, apesar do nome três vezes santificado. No tumulto, só uma certeza: seu existir despachado em jorros de tinta vermelha, archive-se.

Segura-se no respirar, policia pulmões, diafragma, manda ordens às batidas do coração, uma, duas, três. E o homem blasfema além da sua luta com as pálpebras pesadas. Não cerrar os olhos ainda, vigiar - do chão - se ele maltrata os meninos, se transfere a eles a raiva por ela, e se agride e tortura os filhos.

Cinco facadas, brasas no corpo de Maria. Nas costas, arqueadas, a criança ao selo, alheia ao perigo. No rosto, virado para a visita inesperada. No braço, erguido em defesa impossível, ela sentada, o assassino de pé. No estômago, exposto pelo cuidado de proteger a cria, posta de lado. No ventre, o alvo mais cobilhado por ele, seja para amar ou destruir, oferecido na queda à sanha criminosa.

Vã é a luta de Maria com as pálpebras. Nauséa do sangue empoçado, afoga o nariz de rubro. E os ouvidos captam o abre-fecha-gavetas, derruba-objetos. Fungos, gemidos, praguejar, choro de menino. Tenta agarrar-se ao pavor dos filhos, elo entre o corpo moribundo e o apelo visguento do sono.

Lassidão nova ao cansaço de Maria do tanque, insônia, panela, ambulatório, faxina, frustração. Quase boa no silêncio maior do que a solidão calada de abandono. E a esquisita impressão de levitar, não incomoda feito o enjoio de cinco barrigas, um rebate falso e dois insucessos.

Agora repousa, enfim, mas e os meninos, os meninos.

Deu na imprensa de cidade nos confins do mapa das Minas Gerais, Brasil:

Não há adjetivo, substantivo ou verbo para nomlnar o assassínio de Maria das Graças Santos, no balro Eldorado, nesta

*cidade. E quem é Maria das Graças Santos para merecer editorial deste diário? O editorialista nunca a viu ou soube dela, até ler a nota de vinte linhas/coluna publicada pelo nosso colmão "Correio de Noroeste", sob o título **Assassinada quando amamentava o filho.***

Até então, Maria das Graças Santos era apenas mais uma de muitas marlas. Dessas marlas que dão à luz cinco filhos e os amamentam até os nove meses de idade, se não mais. Dessas marlas crentes de que *dando de mamar a gente não pega gravidez*. Dessas marlas que não contam com orientação ginecológica nem com anticoncepcional. Dessas marlas que não têm meios de adquirir leite B ou C, e se exaurem ao último grau para o aleitamento da prole. Dessas marlas que ainda nutrem ilusões. Dessas marlas que sentem, se apaixonam e se entregam. Dessas marlas que são apenas mulheres. Dessas marlas que, sendo mulheres, submetem-se às leis dos senhores seus companheiros.

Maria das Graças Santos agora é mais uma mulher assassinada. Morreu com cinco facadas, enquanto o bebê sugava o seio murcho. Tombou ao solo, ensanguentada, diante dos filhos.

Violência, violência, até quando?

Segundo o jornal, ninguém informou se o assassino é marido ou amante, e *o crime foi até certo ponto bárbaro.*

Até certo ponto bárbaro?! Esta, a sexta facada em Maria. Facada em Maria e em todas as marias e não marias.

Marido ou amante, que importa? Matou com requintes de barbárie medieval.

O indivíduo Flomeno Martins dos Anjos - sem a menor dúvida, anjos caídos - é o autor da tragédia e, pela nota, encontrava-se foragido.

Se preso, livra-se com bons argumentos de *defesa da honra* ou similares, escrevam. Porque a honra dele estava guardada no ângulo das coxas da vítima.

E agora? Os brios do cottado podres no tûmulo, sem remissão, que tribunal tira a razão de réu tão infeliz?

Só uma qualquer Maria a mais, morta pelo homem que um dia amou. Se não amou, dormiu com ele. Isso equivale, para o homicida e a ignorância institucionalizada, a atestado de anulação da pessoa. Coisa submissa, privada do direito a atos, palavras e sentimentos, sem o alvará do Senhor Seu Dono. Transgrediu, morreu. Quem é Maria? Maria que pisa em falso, na concepção ou no imaginário dos flomenos das Minas Gerais e adjacências, merece sete palmos de terra, e fim de conversa.

Eu, Flomeno, nada mais digo - porque, também, nada mais me será perguntado. Até uma outra Maria.

Anexo 4: Digitalização do conto “Independência e morte”

RIBEIRO, Alciene. Independência e morte. In: _____. **Mulher explícita**. Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Independência e morte

Aos sete meses de gestação, nasceu – sem chorar, o toque do cordão umbilical no pescoço, acalanto uterino. Só ela e a mãe-quase-criança em casebre nos ermos da Farinha Podre. Boneca de pano e trapos no chão de terra batida.

Era julho frio, seco, áspero.

Entre sete e dezessete anos, seviciada pelo padrasto.

Aos dezessete, em escambo, “casou-se” com homem de posses, quarenta e sete anos, nascido na Capital, vivido nos sete mares. Presente dele, a “noiva” sobraçou a boneca, e dormia com o brinquedo na cama do casal.

Aos vinte e sete anos, morreu – sem chorar, a pressão do sutiã na garganta, asfixia,

abismo, queda. Só ela e o homem no *closet*
do sobrado. Mala aberta na cama, livros e
cadernos pelo chão.

Era sete de setembro.

Anexo 5: Digitalização do conto “Vinte anos de Amélia”

RIBEIRO, Alciene. Vinte anos de Amélia. In: _____. **Mulher explícita**. Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Vinte anos de amélia

Fechou a porta. O sorriso de despedida ficou na boca pintada. Pôde ouvir o último carro dobrando a esquina, ao aspirar fundo o prazer que faz dela uma só vibração.

Copos, cinzelos chelos, pratinhos aqui e ali – o brilho da festa.

Sua festa.

A comemoração. Coroamento de uma *vida abençoada* a dois. No princípio. Agora quatro. Foram cinco. Esporadicamente, seis ou sete.

Ou o beneplácito da sociedade, acolhendo – com algo de reserva – os novos ricos?

Primeiro, a conquista do pão de cada dia igual nas privações; logo, as escapadas do marido, morte do romantismo. Madrugas de espera, mentira, abraço, perdão.

Veza ou outra, sem rótulo de fé, entra num templo. Como naquela manhã. Na intimidade da Igreja refez os votos de renúncia, dever e submissão perante o marido, dono e senhor.

Há vinte anos, precisamente, jurara.

"A mulher seja submissa a seu marido, respeitandolo, amandolo, na pobreza ou na riqueza, na saúde ou na doença."

Eu juro.

Vinte anos. Humilhações, lágrimas, dores. Somos transitórias, cumprimos um destino traçado.

Sua cruz.

Agora ele anda melo acomodado, negócios grandes, colesterol alto, casero. Cansado de aventuras, decadente, discreto?

Que importa.

A cruz mais leve.

Sorri, vitoriosa, para a espera dele, alisando barriga.

- Pode ir, *bem*, ponho um pouco de ordem aqui primeiro.

Ajeitou copos na pla, esvaziou cinzelros, juntou pratos e garrafas. Já vai se recolher também, mas resolve experimentar uma dose. Nada bebera, coisa do bem-receber.

Na poltrona, de frente à parede espedhada, um brinde à anfitriã.

Feliz.

A velhice amparada no companheiro. Após as ofensas, a distinta esposa, repouso do garanhão. A virtude da paciência.

Ainda há amor?

Vê tudo sob novo ângulo. Da euforia à dúvida. Velhice? Pesa-lhe nos ombros ser madura e próspera; especialmente no desnudo de seu traje de festa.

Jamais usara um assim. Com os anos e o dinheiro, o recato imposto pelo marido afrouxara. Como se o cuidado de antes não tivesse mais razão de ser.

Filhos crescidos, aprovados no vestibular, curtindo um som eletrônico que, estafada, já não pode suportar. Não têm muito o que se dizer. Enquanto evoluíam, ela cuidou do resto, a tempo e a hora. Nove meses, a gestação, o tempo de convívio mais estreito. Logo, três homens estranhos na casa: marido e filhos.

Telma em não ceder. Não se integra ao presente. Desde cedo vinha assim, sem motivo. A igreja, de manhã, uma pálida reação. Aquilo outra vez. Mal-estar aflorando num bater de asas no peito, o coração querendo alçar voo, igual ave cativa.

De um lado ao outro, examina objetos de enfeite comprados para a ocasião. Sensibilidade embotada, perdoa a arte duvidosa. Tira as sandálias de salto sete, e um suspiro infla verde os selos sob o vestido. A orquídea lilás treme no ombro coberto. Olha ao redor. Pela

primeira vez, em muitos anos, se vê só. Mas não sozinha, solitária, que a solidão comunga com ela estreitamente. Gosta deste estar só. O de agora é um a sós consigo mesma, com seu nariz.

Sua identidade.

A bebida tem sabor total, como o sucesso nos comerciais de cigarros.

Reconcilia-se com a vida, quase sem ver que andavam brigadas.

Vinte anos, dia seguindo dia, sem se projetar em nada. Acessório de lavar, passar, cozinhar. Mero receptáculo para as crises de paixão do marido. Máquina reprodutora de perdões pulsantes. Serviu, serviu, serviu. Só. Deixara-se anular como pessoa.

Sua história.

No espelho, um sorriso de pilhéria. Ela é uma piada vestida a rigor. As mãos pelos selos, maiores que o desejável; quadris cheinhos, num início de barriga.

Seu hoje.

O pássaro bateu asas no peito.

No gole seguinte, um gosto de descoberta. Dos limites restritos aos seus passos, da supérflua peça que se tornara. Agora, com criados, um adorno fora de moda.

Nada mais conta, senão o pacto com a consciência.

Abriu a porta e ganhou a rua.

Anexo 6: Digitalização do conto “Plenilúnio”

RIBEIRO, Alciene. Plenilúnio. In: _____. **Mulher explícita**. Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Plenilúnio

Daquí a pouco você virá. No velho ar arredio ou mais acessível aos meus ais? Ah, Darlan! Tudo tão presente, seu jeito largado, a ginga esbelta, o balanço mais do braço direito – imperceptível a olhos outros. Hipnotizada pelo relógio da Igreja, refém de mim mesma, numa praça interiorana eu aguardo. O caminho margeado por hortênsias trará você em tragadas displicentes do cigarro, ou entendeu, enfim, os malefícios do fumo?

Contra o crepúsculo agonizante recorto a silhueta e quase sinto o cheiro escuro e liso dos cabelos. Mas nego-me a mesclar o calor sensual da voz com o frio cortante da crítica. Treinei manhas e malícias para burlar seus decretos. Não me pega mais em falta por

conta de ingenuidade e transparência. Nem me arrisco a frustrar outra vez, ao caçador nato, facilitando o bote. Interpreto uma presa arisca, incenso o ímpeto aventureiro e agrado-lhe o ego.

Não sou mera coadjuvante nas estações de seu amadurecer para a vida: cinco anos a protagonista da história, ainda sem o epílogo, fui a sua Marlene, eu. Retivindico, a meu modo, o ponto final.

Daqui a pouco você chega.

Justo no lusco-fusco da ave-maria, em maio, quando a noite apressa-se em acender os astros. A lua já se delinea redonda para o mútuo iluminar do avistarmos. O peito taquicarde, sim, será bom revê-lo, mas a razão alerta para os empecos de um entendimento adiado. No limiar do emocional e do racional, o possível saclar da ausência. Nostalgia de você, das descobertas comuns ou de uma fase de sonhos?

Daqui a pouco tocarei os longos dedos ousados no escuro do cinema.

Primeira decepção. A segunda? Uma inconfidência de meu irmão esquartejou, num golpe, o príncipe encantado: ele também aderiu ao comércio da zona boêmia.

Não ria. Idealizei-o especial e único, algo como alma gêmea, a outra metade. Que fazer?

Continuo uma fora de moda, mas já não creio em almas gêmeas, sim em compromissos transcendentais de livre escolha. E você?

Um simples conhecer não dilatava minhas pupilas ao primeiro olhar. Ofuscou-me o *reconhecimento*.

Filosofia de folhetim, você dirá, caso eu mencione a crença em resgate, numa vida futura, do tempo em suspense. Então ensalo máscara indiferente e grifo o seu querer balbuciante.

Daqui a pouco você virá – peito aberto?

Faremos planos, talvez. Você sabe... Darlene... Nossos nomes, fundidos em nova geração, dilatam o laço ao tempo grávido de esperas. E o primogênito, Marlan, diremos do projetado herdeiro? Tanta coisa depois, quanta?, ainda faz sentido?

Daqui a pouco nos mediremos, rugas e silhuetas, ânimo ou cansaço, ações e reações.

Livre-me da neurótica busca de aprovação, e a escolha do local meio decadente, para o encontro, chancela a independência. Minhas razões não o tocariam. Você reclamará, alegará melhores opções, e eu me calarei. Claro, nada lhe diz o cenário da iniciação de uma mulher.

Ironia não, por favor. Sei, foi apenas um beijo de colegiais em excursão. Mas quanta

expectativa, magia e significado! O beijo suado de atleta amador silenciou a rouquidão da torcedora, calou fundo nas ilusões juvenis e assinalou longa dependência afetiva. Neste banco de cimento você desatou o laço ingênuo e inaugurou anseio de mulher. Um casto toque sacramentou o primeiro amor para todo o sempre.

Enganei-me, enganamo-nos. A relação turbulenta inviabilizou o final feliz a cada mês, brigávamos um trimestre. Média matemática. Mal assimilávamos o novo outro (in)experiente mais noventa dias e, perplexos, já nos dávamos as costas.

Daqui a pouco.

Depois desse tempo, quanto?, é surreal. Mentira bem-trajada desnuda a alma para um homem meio fictício. Desde certo apelo ignorado, tomou-me estupefação e despeito.

Daqui a pouco eu vou – você disse no dia fatal.

E um mal-entendido à toa perseverou no notvado-surpresa. O anel em dedo recém-chegado no lugar deu xeque-mate à perspectiva de aliança na mão nativa. Tardou um bocado, mas.

Daqui a pouco você vem por iniciativa própria.

Condiçonei hora e lugar. Aprendi a explorar possibilidades do se. Em campo

neutro, longe da nossa cidade, definiremos a tática para o jogo decisivo. Aqui inexistente torcida organizada contra, e não há testemunha de falta cometida.

Suas reticências ao telefone elasticam viabilidades de ajuntar flaps e desvirginar esse amor. Mas não garanto olho no olho, e você me estenderá a mão com cerimônia. São típicos de você os gestos polidos e palavras duras. Distinguiu-me com polidez e franqueza rude, na única vez a sós, depois do definitivo bifurcar dos caminhos.

Mágoa mal resolvida embolou-se a um gosto de perda idiota nas bocas. O clandestino daqueles minutos limitou-se ao beijo proibido, despedimo-nos virgens, como ainda agora, de maiores ousadias.

Daqui a pouco se materializa para mim o *status* perseguido com obsessão.

Você chegou lá alquebrado por longo estágio ao balcão. Testemunha da submissão da Senhorita Insegurança da Silva a lhe beber, debruçada, o hálito em exigências descabidas de passos, gostos, desgostos, amizades. Todas acatadas.

Um ponto a menos para mim.

Amel um nome obscuro, hoje sinônimo de arrojo e competência. Mas a letra é a mesma do estudante amarrotado em alguma

gaveta na casa da mãe. Mudaram os papéis que você rubrica, se mudou a pessoa é lícito duvidar.

Daqui a pouco verei como administra as contradições.

Podem conciliar a raiz capira com o verniz da metrópole que o adotou? Saberem de alavancas e guindastes em oposição aos cliques da ascensão. Sou prova de que as eclusas emperraram por desuso. Ou não fui além de trecho forasteiro ao seu navegar vida afóra?

Sei das infidelidades à esposa – que Deus a tenha – e por certo me indagará se as más línguas procedem. Não direi sim, nem não. Concedo-lhe o benefício da dúvida, dieta adequada a índole possessiva.

Se houve deslizes na minha história com o outro é assunto meu e dele. Questão de respeito à memória de um homem bom, que me amou deveras, e relevou as crises de melancolia.

Daqui a pouco Darlene e Marlan serão lembrados, sim.

Ela fez-se carne de minha carne e, por uma espécie de osmose orgásmica – pasme!, de você herdou o jeito latino de ser. Enquanto o seu menino soma-se à fleira dos Júnior's.

Ponto para mim.

Daqui a pouco passos familiares ressoarão na alameda.

Resgatarei pedaços empenhados com você. Solidária, a lua velará detalhes que o sol acusaria à comparação com outras mulheres, quantas? A madureza privilegia o masculino, rugas de expressão e ténporas grisalhas, em detrimento do feminino.

Daqui a pouco se decifra o enigma daquele adeus.

Melo alheado dos apertos de mão você atentava aos populares em acenos de boa viagem. Eu pensava vê-lo a discreta distância, mas fui flagrada entre os rostos anônimos. À revelta, fiz-me dínamo elétrico do seu engolir em seco. Carecia de extintores e seus olhos expediam chamas. Consumimo-nos dez segundos no incêndio do-que-poderia-ter-sido.

Segurança de primeira dama nos documentos, sua esposa interceptou, com o braço esquerdo, a promessa em combustão. Um sexto sentido tornou-a vilã da hora. Juntos, algo atônito, foi afetado pela bulha lisonjeadora em torno do pai, distante e mandão, imaginário. Ao braço direito da mãe, o garoto manietou um entendimento já calcinado.

Rompido o elo do momento derradeiro, o jatinho decolou rumo a um céu molhado. Lágrimas de Penélope: vinte, trinta, quantos

anos?... Dou-me conta de que você virá de braços com a aposentadoria e o pigarro do vício antigo. Lógica cruel e verdade madrasta.

Sabe de uma coisa?

Minha saudade dispensa bengala.

Se me apressar, ainda alcanço o ônibus noturno.

Anexo 7: Digitalização do conto “Transa”

RIBEIRO, Alciene. Transa. In: _____. **Mulher explícita**. Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Transa

- **E**u te dou quinhentos – a mulher fala.
- É pouco – o moço responde, displicente.
 - Mil – ela torna.
 - Mil?...
 - É, mil.
 - Quanto tempo? – desconfiado.
 - Não sei... que que você acha?
 - Uma hora?...
 - Só?... – decepcionada.
 - E não dá? – um riso de lado.
 - Dá, mas... – ela abaixa os olhos.
 - Então...
 - Tá certo.
 - Mil, livre?...
 - Livre como?
 - Sem despesa, uai.

- Eu que pago o quarto?!
- Advinhona!...
- Aí você já está querendo demais.
- É pegar ou largar.
- Tem muito garoto aí que...
- Vai com eles então, uai. Num sou eu que tô dando em cima!
- Você vai querer bebida também, aposto
- responde depois de uma pausa nervosa.
 - Num faço questão não.
 - Ah, não?... - admirada.
 - Não, aí eu demoro.
 - Melhor.
 - Eh... deixa de frescura.
 - Não é frescura não, pode até não acreditar, mas com você é diferente, eu...
 - Diferente como? - entre crítico e irônico.
 - Deixa pra lá. Mas não é bom mais tempo? - conciliadora.
 - Tá oferecendo a bebida? - o riso de lado.
 - O justo é você pagar... - ela arrisca.
 - Eh... já falei, bebida me atrapalha.
 - Você faz questão de ganhar bem o dinheiro, hem? - alfineta.
 - Me sinto mais legal valendo o que ganho - ele, digno.
 - De qualquer jeito, você vai receber.
 - Num vem com essa agora não. Depois, reclama. Sei bem como é. Comigo não, violão.

- Você não está entendendo nada.
- Tá me achando com cara de besta, me chamando de burro?
- Não é isso, não, meu Deus, mas como é difícil... você se ofende por coisinhas!
- O que que é, então? - agressivo.
- Você falou que se beber demora, não falou?
- Falei, poxa, e daí?
- Pois é, eu gosto; prefiro até.
- Ah... matel a charada, morei na sua, cê quer um boneco de val e vem, é daquelas devagar, né?
- Mais ou menos, mas não é isso não, eu...
- Num preciso encher a cara pra fazer a coisa caprichada não, e meu tempo é dinheiro, num vivo na moleza não - ele interrompe.
- Você não está entendendo... desculpe, não me leve a mal, é o meu jeito, mas não é nada disso, não vê que nem faço questão...
- Uma hora dá, num dá? - impaciente.
- Hum... Acho que dá, sim, dá - conformada.
- Que hora, então?
- Às oito tá bom pra você?
- Legal.
- No meu carro?
- E eu tenho?... - trônico.
- Sei, mas...
- Eh!... Lá vem coisa...

– Pensei, quem sabe um amigo empresta, sempre se ajelta.

– Tá enrolando!..

– Não, é que dá muito na vista, meu carro é conhecido.

– E daí, cê num é viúva, dona do seu nariz e da *perseguida*?

– Você é doído, não precisa falar!..

– Cê tem de dar satisfação pros outros, perguntar com quem pode ou num pode?

– E o falatório.. língua comprida?

– Por falar em língua, tem um troço que num foi combinado, manjou bem? Comigo é preto no branco, falta acertar...

– Pode ficar sossegado – diz depressa.

– Num inclui?..

– Não – ela responde, rubra por fora e por dentro.

– Ah, bom.. – ele torna, aliviado.

– Sei que é bobagem ligar pra fofoca, mas não tem jeito, sou mesmo uma boba, sabe – ela, desviando o assunto.

– Viúva é mais livre que solteira, uai.

– Não é nada, com a gente o povo se preocupa muito mais.

– Deixa pra lá, a vida é sua.

– Sei.

– Às oito, então? Onde, hem?

– No *Refúgio*, tá bom?

– Legal.

- Te pego aqui.
- Falou.
- Escuta...
- O quê?
- Posso confiar em você?
- Confiar, como?
- Fica entre nós?
- Eh, mas cê tem cada uma... Fica, uai!
- Você pode achar que é bobagem, mas... sabe, eu tenho um certo *status*, e...
- Ai, meu saco!
- É, você é muito novo, não vai entender, mas na minha idade... uma mulher sozinha...
- Estou me lixando pra isso, mas fica sossegada, sou novo, mas burro, não. E olha, pra certas coisas, sou mudo que nem um túmulo; o papai aqui num é nenhum desca-rado não.
- Não vai comentar com ninguém? - reforça.
- Imagina!... Só vou contar pro Ibrahim Sued e pros meninos do grupo escolar.
- Fica chato pra mim, você entende? - ela relewa a ironia.
- Ok.
- Achou ruim eu falar isto?
- Não, poxa!
- Parece que achou.
- A conversa tá ficando comprida, né.

- Tem vergonha de ser visto comigo?
- Vergonha, eu? Gozado, cê é engraçada mesmo!..
- Por quê?
- Porque esse medo é seu, uai!
- Que medo?
- De fofoca.
- É, mas sabe, me deu uma coisa ruim pensar que você tem vergonha de mim.
- Besteira, e também ninguém sabe do que que a gente tá falando.
- Pois é.
- Na batata, num tem grilo não, é só um negócio, né?
- Puxa, não precisa me jogar isto na cara
- ofendida.
- Eh, melindre agora pro meu lado?
- Você acha que é fácil pra mim?
- O que, transar?..
- Essa conversa... eu...
- Por que que cê num arruma então um cara da sua idade? - ele, cruel.
- Da minha idade?... Ah... eles só querem mocinha... e...
- *Pra burro véio o remédio é capim novo...*
- ele cantarola, numa imitação grosseira do Lulz Lua Gonzaga.
- Que que foi?..
- Nada não, desliga.

– Você acha que sou assanhada porque te olhei, decerto está pensando que posso ser sua mãe.

– Não, num tem nada a ver.

– Não me acha ridícula?...

– Não, poxa!

– Sabe, gosto de gente moça. É saudável conversar com quem ainda tem ilusão, esperança na vida, acredita no futuro... De que que você está rindo?

– Discurso bonito, pode candidatar na política.

– Não brinca, não. É sério.

– Tá, se não vai candidatar, rasgo meu título, nunca usei mesmo.

– Nunca votou?

– Votel nada... Sou um eleitor esperando inauguração.

– Por isso que eu falcei na sua cidade, as coisas são muito mais simples, vocês fazem piadas com assuntos sérios. Querla ser assim.

– Num é porque não quer, grila com baboseira de nada.

– A minha vida não é fácil, não.

– Que... cê se arruma, a grana resolve o problema do mundo!

– Nem sempre... Já encontrei caras que não toparam... você nem imagina a vontade de sumir num buraco... nesta altura da vida, isso dói...

- Tá... tá, mas choradeira pro meu lado, não, paciência, aí encarde.

- Desculpa.

- O negócio é só de cama, num é?

- Claro, desculpa, não falo mais, não.

- Não quero esse tipo de papo comigo, tá legal?

- Entendido, esquece.

- Às oito, aqui?

- Às oito. Tchau.

- Tchau. Ah, cheque não, viu.

- Combinado.

Anexo 3: Digitalização do conto “Pensar axilas”

RIBEIRO, Alciene. Pensar axilas. In: _____. **Mulher explícita**. Uberlândia, MG : Pangeia, 2019.

Pensar axilas

A véspera surreal ainda lateja, viscosa, nas têmporas da mulher. Mal creê no vivido em um lapso de invigilância. O sujo telma na pele, os sentidos boquiabertos, náusea.

Estômago à deriva.

O apelo, displicente, ao jornal, a se distrair do dia indigesto. Mas, oh, Deus! Em caixa-alta, a quatro cores, o recado cifrado, despique de um parceiro amuado, com livre trânsito pela redação. Ele revira, sem cerimônia, a dor da ferida, insensível ao seu pasmo.

Primeira página.

Políticos *calituum* manchetes ao exibir, debaixo dos braços, melas-luas escuras, senão luas chetas, à guisa de comendas. Os caçadores de votos encenam afinidade com o suado trabalhador, e os *flashes* pipocam:

registram-se, para a posteridade, tapinhas nas costas grudadas aos paletós correligionários.

Olhar arguto versus caras fascinadas.

Em ponto menor, mas com a ironia implícita do diagramador, o melhor amigo *dela*, atletas, suor e pelos às manchetas. Na volta olímpica, axilas escorrem a vibração pela conquista de troféu. De mão em mão, a taça desliza nos poros que irrigam o verde do gramado.

Sorriso largo e músculos, na foto ao lado, cultores do ego trocam camisas, pingando o cecê adversário no tapete vivo.

Arena de capim salmoura.

De alto a baixo, o noticiário exala a pseudoseriedade de alguns colarinhos brancos e a realização de cartolas assépticas, via transpiração alheta. Torcido, o papel liquefaz-se, malcheiroso, com o delírio de vencedores e a hipocrisia engravatada.

Salgada virilidade.

A mulher, intrigada: *O passeio interrompido de chofre renderia chamada de capa?* Bom gancho para a seção de psicanálise, de sexologia... ou de humor.

Caderno Dots.

Cronista irreverente usa, sem pudor, o sinônimo sovaco (arre!) e ainda confessa o fetiche pelo recorte anatômico.

O amuo do namorado jornalista pautou a matéria do dia com o propósito de espezinhar a perplexa desertora. Desplique pela evasão abrupta da fêmea, perdida em si mesma e no anacronismo do projeto original: *Aquele detalhe corpóreo só deveria exalar aromas.*

Mas, aí do amado! Uma mensagem ao cronista abusado é só o primeiro passo, coloca-o no lugar. Aos seus pés... ou debaixo do braço.

Utilizasse o transporte público, o colaborador novato!... Observasse a abominável porção corporal dependurada igual a morcegos nas barras dos coletivos: os senhores e senhoras usuários ignoram solenemente, olhos e narizes alhetos na exposição de suas vergonhas. Desfilam concavidades masculinas, femininas, novas, velhas, chetrosas ou fedidas, depladas ou carentes de um bom barbear.

Múltiplos orgasmos versus vômitos entalados.

Ah, não! O Editor-chefe não entenderá, nem recado nem signatária. Liga a TV por desfastio, mas pergunta cretina colhe-a em estupefação:

O que você faz para mostrar suas axilas?

Três moças, alegres, blusas sem alças, mãos para cima, a resposta deprimente. Não sorrissem, dir-se-la cena de algum clássico

de *bang-bang*: o bandido rende as moedinhas no saloon.

Dots em um, a nova maravilha da Amazônia para você. O hidratante e desodorante Cheiro Bom deixa suas axilas claras, macias, perfumadas, tentadoras! Experimente, é pura sedução... ele não vai resistir.

A voz em *off* embala exaustiva performance de modelo. Caras e bocas, narinas frementes, dedos acariciam a região. Pudessem, a língua provaria a promessa de *glamour*, tal o apetite fisiológico da ginasta.

Belinho no ombro... Ou na axila?

Quanta bobagem!... - Controle remoto. Pronto.

Aquilo negligencia o senso do ridículo, invade a privacidade, incrementa o consumo do supérfluo e vende erotismo. Como se o enigma existencial se resumisse a axillar realização.

Propaganda violadora.

Episódios constrangedores privilegiam o ângulo vulnerável em protagonismo, e três vestidos coadjuvaram com essa parte velada: na estrela do novo estilo esboço-de-mulher, a estampa se manchou na cava. Então quis preservar as cores do seguinte, poupando-o do tanque. Quê! Antes desbotado: o dedo acusador do irmão, nariz tapado, expôs seu

ponto fraco ao vexame. Por último, um flasco a roupa comprada em cima da hora; a colegial recém-saída do banho jamais preveria a fedentina na química tinta e fluido corporal, se mal ouvira menção a Tabela Periódica e a similares.

Nada tão sério na visão dos outros, mas foi o prelúdio de um período regado a suores e lágrimas camufladas.

Dois graves atentados no início da juventude tatuariam, de vez, a autoestima claudicante. O pior? Sua primeira vez, num cenário tragicômico, sem poesia, ou o namorado travestido em padreiro amador? Ele sovou-lhe os selos com o maior empenho em não desandar a receita. Na faina-cozinha, unhas arranharam axilas em seca frustração.

Vade retro, rosca de padaria!

Romance, fermento. Bolo, calcinha. Sêmen, biscoito. Preservativo, ninguém.

Inibição, postura seletiva de parceiros, solteirice enrustida, sim. Não ao pleno exercício da sexualidade... Até ontem.

Quão distante dela mesma, em pequena, passelos na fazenda do tio, gado, peões... Ah, os peões! Camisas marcadas de molhado levam-na de volta. E a acenam.

O odor selvagem fascinava e lhe dava asco, embora o traduzisse pelo simples nojo.

Isso é próprio dos brutos, de gente-bicho sem asselo; toma distância, ou a praga te pega! – a vizinha, na cidade, dedo em riste.

O fedor dos homens nocauteava o estômago. Nocaute revivido em puberdade flagrada com úmidas meias-luas na blusa de algodão.

Isso não, eu também? A doença dos pés me pegou, estava incubada, que horror!

Arrepto na raiz dos cabelos.

E tome água, sabão, álcool. Friccionou-se com folhas maceradas de hortelã, contrita se benzeu, e em mangas escondeu da mãe o ardor vermelho, feridas. Que remédio! Doravante, o suor telmou sob os braços, e ela emudeceu ante a maldição sudorípara. Não sem culpa, complexos, um estigma de imundície intrínseco ao ser mal-acabado.

Fela. Suja. Relegada aos bastidores da alegria, administrou mal e mal a sujeira. Pudesse cortar o mal pela raiz... ou melhor, a penugem a crescer, irrigada pelas excrescências dos côncavos secretos. Pudesse! Até tentou, ferindo-se, desajeitada, na lâmina rombuda descartada pelo pai.

Adolescer de caramujo.

Olhos fugidios, a não ver que a viam, apertava-se ao tronco. Tecidos claros por disfarce, ombros projetados à frente... E a corcunda cobrou o quinhão à menina alta e magricela, de porte velado, nenhum encanto.

Sem alternativa, arcou com o fardo, e cresceu apesar de, aos solavancos do eu. Tempo afora, aos trancos e barrancos, devagar se acomodou aos conformes da epiderme e, quase resolvida, deparou com cupido.

O jovem dentista, chegado da Capital, reparou na suarenta, quem diria! A mera comerciária se pensou gata borralheira, mas reticente à corte do príncipe de reino distante da província. O sapatinho de cristal da Cinderela se quebraria no pé 39/40.

Limusine de abóbora.

Ele só queria se divertir à custa da calptra gotejante, aí dela! Iludida, foi ao *vis-à-vis* numa tarde de segunda-feira. Exíguos quinze minutos para o café, e esperou dez, vinte, a tensão crescendo na marcha dos ponteiros. Um olho neles, outro na porta da lanchonete, fio de suor nas costas sublinhou ruga na testa do patrão.

Vigésimo quinto minuto, toca o alarme. Mãos transpiram ansiedade, axilas bordejam, e ouve, quase, o pinga-pinga nas dobras da pele. A umidade se esprala pelo contorno do busto, e a blusa verde se tingiu de bandeira até perto da cintura: *Em teu selo formoso retratas a verdura sem par destas matas..*

Verde afogar.

Soou a hora fatal. Carruagem, cochetro, tudo rodou na enchente dos ângulos chuvosos.

Nem litela por arrimo... E o borralho espera atrás do balcão.

Mas o passo lépido do odontólogo, sorriso de lorde, ergue pontes levadiças. E agora? A andarilha focou o alçapão do fosso dos crocodilos. Que são feras diante da provação nessa face de gentil homem?

Colada às costelas, só move o antebraço ao estender a mão, beljada numa mesura. O dorso dobrado, ela sorri sem sorrir. Ai, meu Deus!

Sem salva-vidas, sufocada no próprio alagamento, um príncipe-sapo nem doeria. Mas ele superou a madrasta em crueldade. Com certeza se pensou *en passant* neobacharel em direito, e o diploma na parede requeria justificativa. Numa apelação correta, anomalias se fundamentam com diagnóstico.

O douto olhar pousou na inundação, e o que disse, não importa. Sim, o visto e ouvido pela naufraga. De beca e anel, sorriso divertido, sentenciou o estresse: *Culpado!*

Submersa por um tsunami, ela agarrou-se ao relógio-tábua-salvadora e, rubra de humilhação, sibilo:

É tarde, tenho de ir... o meu chefe...

Pós-graduado em vaidade, PhD em personalismo, o doutor ficou lá, respingado pela onda que a envolveu. E ela, o salto três da sandália de plástico vulgar na calçada, tuc-tuc,

se situou no tempo e espaço. Juras de *nunca mais*, *doutorzinho*, permearam desculpas evasivas à saúde do gerente.

Certa maldade, vista e conferida em crise de dor de dente, endireitou-lhe os ombros: o cavalo branco do príncipe se desencantou em reles banquinho de mola, sem encosto; e é rotina, na sala do trono, dragões de bocas cartadas cuspirem hálito pestilento no real personagem.

Decolagem de vassoura. *HI!.. HI!.. HI!..*

Enfim, outros rapazes, passelos... a dança, um dos poucos prazeres.

Numa encalorada vespéral dançante, o dois-*pra-lá-dois-*pra-cá** prometia, até o caldo entornar, literalmente: o moço solta-lhe a mão, entre um revoltelo e outro, toma um lenço do bolso e, unindo palavra ao gesto:

Estou transpirando... mesmo!

Enfia o pano sob a manga curta da camisa e se enxuga, na maior desfaçatez.

Cruz-credo, a mão suada de novo! Amém para a última volta na pista. E muda exclamação: o calorento lhe oferece o dito lenço ao fim da contradança (a palavra, aqui, encaixa-se como luva).

A recusa, com todas as letras em negrito num polido *obrigada*, e o estranhamento definitivo pelo costume já em desuso: o cavalheiro,

ao término da dança, emprestava o lenço, muitas vezes o único, a todas as damas.

Digitais de suor.

Ruminanças axilares se impõem, nauseabundas. Estaria grávida? Daí o rememorar olfativo, em nítida impressão de tempo real. Não só odores, imagens se delineiam, como se certo gorducho, lá atrás no calendário, ainda viajasse na poltrona ao lado.

O ônibus segue veloz, ela cochilava até ele embarcar na primeira parada: camiseta regata, aboletou-se no seu espaço, coxas abertas. Bocejo ruidoso, mãos à nuca, tufo negro e malcheirosos à brisa. Roncou todo o percurso, e a vítima se espremeu na janela, rosto virado. Torcicolo disse sim, e a Inhaca persegue-a ainda.

É isso. Aquilo se entranhou na infância, se alimentou na comunhão com a felura, e se entronizou na sua incoerência na cama, ou de pé.

Parágrafo único: é vetada intelteza às mulheres de rasa estética.

Até o jornalista, acima de qualquer suspeita, se imiscuiu no seu segredo. Até ele se arvora em reavivar o trauma axilar há muito no índice de quem abriu mão de respostas.

Tudo lá bem, na calma dos começos, a observância de fronteiras, avanços e recuos. Mais recuos que avanços no território de

morros e planícies. Conjunções castas, respeitadas, quem sabe. Ele e o perfume de lavanda, camisas impecáveis, hábito inodoro.

Por que a tal pousada? Final de expediente, paletó e gravata em tarde de sexta-feira ao volante, estrada de terra, sol, calor... E a novidade!

No pitoresco chalé, os corpos exalaram a faina competitiva: trânsito, metas, fumo, projetos, fuligem, produtividade. Clima de pecado, ele se desnudou em revelações. Um desejo urgente em negação de esperas, o banho depois. E ela se submeteu, penitente, ao roçar de pelos axilares na face: uma ânsia amoníaca... demoníaca.

Ah, o afago inédito, a entrega jamais pensada! Os lábios do homem profanaram ocultos poros, e o beijo nas pudicas axilas eletrizou-a...

Então, fugiu.